

TODOS OS — ANIMAIS — MERECEM O CÉU

Marcel Benedeti



TODOS OS — ANIMAIS — MERECEM O CÉU

Marcel Benedeti

Criação ePub: Relíquia

 Mundo Maior
Editora e
Distribuidora
FUNDAÇÃO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ
DESPERTANDO CONHECIMENTO

Titulo: Todos os Animais Merecem o Céu

Autor: Marcel Benedeti

Editora: Mundo Maior

ISBN: 9788587430564

Criação ePub: Relíquia

Obra premiada no Concurso Literário João Castardelli

2003 - 2004, promovido pela Fundação Espírita André Luiz (FEAL).

Coordenadores do Concurso: João Carlos Bacurau e Aparecida Quintal

Comissão Julgadora: Ana Maria B Paschoal, Arnaldo Epstein, Carlos Coelho, Celeste P. da Silva, Cleonice S. Soares; Déa R. Conti, Dirceu Luttkke, Doracy dos R. Gonçalves, Dulcelina de Jesus, Eduardo Luiz Xavier Fernando Bacurau; Gastão de Lima Neto, Lara Bacurau, Ildézio Bilmayer, Jayme R Pereira, João Demétrio Lorichio, José Geraldo Ramos, José Pozzi, Maria Rita Ortega, Marlene Santos; Nadir da S. L. De Assis, Nicelmo Abreu Andrade, Paulo Nanini, Ricardo P. De Paula, Roberto Pasetchn Spério Faccione e Valter S. de Souza

Consultora: Ana Gaspar



Editora Mundo Maior

<http://editoramundomaior.com.br>

ÍNDICE

[Apresentação](#)

[Animais](#)

[Bob](#)

[O Malamute](#)

[Kayamã](#)

[O Presente](#)

[O Incêndio](#)

[No Hospital](#)

[O Resgate](#)

[Tia Nana](#)

[Formosa](#)

[Suzy](#)

[Aprendizado](#)

[Café](#)

[Na Fazenda](#)

[Animais Assustadores](#)

[Sabatina](#)

[Em Auxílio](#)

[Os Condenados](#)

[Surpresas](#)

[No Mar](#)

[Os Animais Reencarnam](#)

[Todos os Animais Merecem o Céu](#)

[Ilustre Visita](#)

APRESENTAÇÃO

A platéia aplaudia, entusiasmada, ao vê-lo recebendo o diploma de graduação, como médico veterinário. Ali, naquele salão, cerca de quinhentas pessoas estavam reunidas para contemplar os amigos e parentes que se formavam, também, assim como ele.

Seus pais e suas irmãs estavam felizes por vê-lo colando grau, pois, sabiam que não havia sido fácil para todos conseguir chegar até ali. Foram anos de esforço e até mesmo de privações, para atingir aquele objetivo, uma vez que vinha de uma família de operários e os recursos financeiros eram escassos.

Mas, todos os esforços foram recompensados naquele momento. Tornara-se médico veterinário. Ao receber o diploma, virou-se para a platéia e agradeceu de volta a salva de palmas que recebeu, mostrando seu cartucho azul e sorrindo como nunca.

De cima do palco, acenou para os parentes, em agradecimento, quando os viu sentados entre o público. Havia, entretanto, algumas pessoas que ele não conhecia, acenando, também, e estavam perto aos seus pais.

Quem seriam aquelas pessoas que pareciam tão felizes por sua diplomação? Uma delas usava uma espécie de batina marrom escuro, com um grosso cordão preso à cintura, de onde um crucifixo de madeira polida pendia, brilhante. Poderia ser algum padre que o conhecia ou aos seus pais. O eclesiástico estava acompanhando. Ao lado, estava alguém vestido de branco como um médico, que segurava um livro e um pequeno cão da raça fox terrier de pêlos duros. Ele também acenava. Ao lado de ambos, outra figura bemvestida. Usava um terno azul, bastante alinhado. Eram três pessoas ali, acenando e marcando presença no evento.

O recém-formado, por uma fração de segundo, desviou o olhar e já não mais os encontrou ali. Seus parentes continuavam a aplaudi-lo, e pareciam não se surpreender com o súbito desaparecimento daquelas três pessoas. Com um grande aceno, e desceu do palco, levando seu cartucho.

Após a cerimônia, procurou seus pais para abraçá-los, enquanto, discretamente, procurava aquelas pessoas entre os presentes, mas não as encontrou mais.

Os colegas de turma se abraçavam, com lágrimas nos olhos pela despedida, quando ele notou aquele que estava de roupas brancas, próximo à porta do saguão, fitando-o, com um sorriso nos lábios. Quis ir até ele para conhecê-lo e agradecer-lhe a presença, mas, naquele saguão repleto de pessoas, perdeu-o de vista. Desde então, não mais os viu.

Passado algum tempo, em uma noite, quando estava prestes a pegar — no sono, nota o surgimento de uma figura, agora conhecida, mas inesperada. O susto foi grande, pela surpresa.

De um salto, saiu da cama. O visitante inesperado, com sua voz suave, acalmou o rapaz e explicou-lhe quem era. Após desculpar-se pela surpresa, disse que eram amigos de outras vidas e que o acompanhava há muito tempo, mas nunca se manifestou antes, pois, não havia chegado o momento.

Pedi que não se assustasse quando se encontrassem novamente, pois estariam muito próximos, a partir de então.

Ele era um monge franciscano, que estava ali, a seu próprio pedido, antes de reencarnar nesta vida atual, para ajudá-lo a atingir as metas propostas para esta existência. Ele seria um amigo com quem poderia aconselhar-se e pedir auxílio, quando precisasse. O monge usava uma vestimenta típica, de tecido grosso e um capuz que cobria metade de sua cabeça. As mãos magras e a pequena estatura davam a ele uma aparência frágil, mas sua força estava em sua sabedoria e ponderação, que dividiria com o recém-formado veterinário.

Desde então, os ouvia aconselhando-o em sua mente, como se fossem seus próprios pensamentos. Somente diferenciava dos seus, porque as frases eram sempre na terceira pessoa. Quando ele precisava de conselhos, ali estava o monge ou o homem de branco com seu cão e seu inseparável — livro. Este último foi um veterinário em uma vida anterior, que, também, prometeu aconselhá-lo e intuí-lo positivamente na vida profissional. — Os anos se passaram, o rapaz se casou, tornou-se pai, abriu sua própria Clínica veterinária e levava uma vida tranqüila, ao lado da esposa e da filha pequena, que eram seus

tesouros na Terra. Posteriormente, foi pai mais duas vezes. A esposa, muito espiritualizada, o levou a conhecer a Doutrina espírita. De início, estranhou os conceitos, mas lembrou-se de seus amigos espirituais e acabou aceitando também como sua a doutrina, mas, nunca se aprofundou nos conhecimentos que ela lhe oferecia, por simples desinteresse.

Queria, apenas, acompanhar a esposa às reuniões, e nada mais. Suas preocupações eram com a clínica e com a família. Nada de estudos doutrinários, apesar de sua esposa insistir para que ele estudasse e entendesse melhora fundamento daquela doutrina.

Aos poucos foi se interessando pelos estudos referentes à Doutrina Espírita e começou a fazer parte de um grupo de estudos no Centro Espírita. Os assuntos eram, realmente, interessantes e mereciam sua atenção. Passou a ler mais e mais livros. O Livro dos Espíritos passou a ser seu livro de cabeceira, por conter perguntas objetivas e respostas claras a diversos temas.

Como veterinário, pesquisou sobre o seu maior interesse, que era a vida espiritual dos animais, e notou a escassez de informações a respeito. Queria saber mais, uma vez que tinha a certeza de que os espíritos superiores não estavam desinteressados em divulgar o assunto. Era possível que as informações fossem raras, porque as pessoas ainda não estavam preparadas para elas. Pesquisou e procurou livros que relatassem sobre seu assunto de interesse e encontrou alguns: “Os Animais têm Alma?”, de Ernesto Bozzano, escrito no início do século passado, e “Evolução Anímica”, de Gabriel Delanne. No entanto, nenhum deles relatava como eram tratados os animais no mundo espiritual.

Continuou sua busca, mas, pouco encontrou. Em seu consultório, ouvia comentários de clientes, que indagavam, curiosos, sobre o porquê de tanto sofrimento entre os animais e se eles reencarnavam. Queriam saber se tinham alma ou espírito e quais atenções receberiam na outra dimensão. A curiosidade do veterinário aumentava, a cada livro que lia, mas, não encontrava as respostas que procurava.

Quando surgiu a oportunidade, pediu ao seu amigo espiritual “Monge Franciscano” que o orientasse em sua busca, e a resposta foi: “ainda não!”. Ele

não entendeu a recusa, mas, não ousou questionar e esperou. Enquanto esperava, continuou por sua conta a busca, durante meses seguidos. Nesse ínterim, lhe chegou uma notícia, que o abalou e o entristeceu: era portador do vírus da hepatite do tipo C, uma doença incurável e letal que contraiu, em 1978, quando sofreu um acidente, em que quase desencarnou, e recebeu, acidentalmente, sangue contaminado por este vírus, que somente se transmite por transfusão sanguínea. Naquela época, não se sabia da existência deste vírus. Chocado com a notícia, sentiu-se abatido depois que soube que talvez tivesse apenas mais dois anos de sobrevida antes que deixasse este mundo, pois, ainda não existe um tratamento eficaz.

Procurou, novamente, seu amigo monge para saber dele se seria bem-recebido do outro lado, quando chegasse sua hora. O amigo disse-lhe que não era o momento de se preocupar com isso, pois havia muito trabalho, ainda, a fazer. Mas, o jovem médico não recuperou o ânimo, rapidamente. Ainda estava convencido de que lhe restavam poucos meses de vida. Certo dia, o amigo monge lembrou-lhe de que a vida era eterna e pediu que se afastasse destas idéias tristes que lhe faziam baixar o padrão de pensamentos.

Ainda não convencido, sofria por não se sentir preparado para a volta à outra dimensão e pensou: se era inevitável o retorno, então, ao menos, queria deixar uma boa impressão de si aos que ficassem. Procuraria ser uma pessoa melhor do que havia sido até então. O amigo monge perguntou-lhe o que o afligia e ouviu como resposta um pedido. Ele queria, ao ingressar na dimensão espiritual, poder enviar aos que ficaram informações sobre a vida espiritual dos animais.

O amigo espiritual sorriu, largamente, e disse: “Eu já esperava isso de você”.

O veterinário sorriu, também, sem entender por que, e ouviu, ainda:

“Você não precisa desencarnar para obter as respostas que procura. Não se preocupe, você viverá, ainda, por muitos anos”.

O médico pediu que o auxiliasse a encontrá-las, então.

O eclesiástico lhe sugeriu que estudasse mais e anotasse tudo o que encontrasse sobre o assunto, pois, as anotações lhe serviriam como uma espécie

de manual de consultas para entender o que viria depois. Feliz, começou a fazer, no mesmo dia, suas anotações. Foram quatro anos de pesquisas antes de encerrar suas notas.

Em uma noite, o monge surge-lhe e pergunta: “Podemos começar?”. E ele entendeu que se referia ao recebimento das informações da espiritualidade. No entanto, os meses se passaram sem que o amigo espiritual fizesse novo contato.

Um dia, o veterinário, ao acordar, sentiu-se compelido a pegar uma caneta. Estava ansioso, eufórico e entusiasmado com algo que não sabia o que era.

Chegando ao consultório, sentou-se em sua escrivaninha, e, como se fosse guiado por uma força invisível, começou a escrever as primeiras palavras. Naquele instante, seus sentidos ficaram levemente entorpecidos, sentindo como se flutuasse. Era uma sensação agradável, acompanhada de intenso bem-estar. Desligou-se do mundo exterior.

Não ouvia mais as pessoas que passavam na rua e nem o som dos automóveis que, antes, o incomodava. Perdeu a noção de tempo e espaço. Suas mãos, impacientes, continuavam a escrever, enquanto uma tela se formava em sua mente, através da qual podia acompanhar as cenas mais comoventes e emocionantes por ele já presenciadas.

As cenas se desenrolavam, vivas, mas, ele era, meramente, um expectador. Era como se ele pudesse tocar os personagens, se o quisesse. Mas, apenas observava, ouvia e sentia o que acontecia. Sua secretária o observava na escrita frenética, sem interrompê-lo. Eventualmente, era o telefone que tocava ou um cliente que entrava em seu consultório para pedir ajuda profissional, mas, nos intervalos de cada atendimento, reiniciava de onde tinha parado, ansioso por conhecer o desfecho, que nem mesmo ele sabia.

Após escrever milhares de palavras, repentinamente, voltou a si. Tudo ao redor parecia estar exageradamente colorido, brilhante e barulhento. Suas mãos não acompanhavam sua vontade de terminar o que começou. O calor agradável que o acompanhou por muitos minutos, repentinamente, tornou-se como um gelo colocado sobre a testa. As cenas desapareceram de sua mente, as palavras do narrador deixaram de ser ouvidas. Por mais que se esforçasse, as palavras não lhe ocorriam. Restava, apenas, parar e ver o que escreveu.

Era a história de Paloma, uma égua da raça manga-larga que retornava ao mundo espiritual. Só então entendeu o que estava acontecendo. Eram as informações do mundo espiritual que desejava receber e que lhe estavam chegando. No dia seguinte, novamente sente aquela compulsão de pegar em uma caneta e escrever. Desligou-se do ambiente, de forma quase involuntária, retornando a ele somente quando o dever profissional o chamava de volta. Após cada atendimento, cada telefonema, retomava seu trabalho de descrever o mundo espiritual dos animais.

A cada cena que lhe aparecia na mente, como se estivesse mergulhado em um filme, surpreendia-se, pois não sabia por antecipação o que ocorreria a seguir. A curiosidade também o impulsionava a continuar com este trabalho que se tornou prazeroso para ele.

Aos poucos, envolveu-se com os personagens. Emocionou-se com a passagem de Paloma, com a lealdade de Formosa, com o sofrimento de Bob, de Sofia e dos outros. Alegrou-se com os momentos felizes e ria das situações engraçadas. Surpreendeu-se ao saber da existência de animais no umbral; revoltou-se com aqueles que os maltratavam. Era surpreendido a cada cena e queria conhecer o desfecho daquelas narrativas.

Ao final de seu trabalho literário, descobriu que há muito a aprender e a descobrir no convívio com os animais, que nos passam muitas lições de humildade, paciência e resignação. Os animais são, realmente, nossos irmãos não só não estão desamparados pela espiritualidade, como são bem-assistidos. Existem tantos assistentes quantos forem necessários, pois eles merecem a mesma atenção que nós.

Com o despertar dessa nova consciência que desponta com a nova era e com o novo milênio, as pessoas já estão mais bem preparadas para aceitar e reconhecer nos animais a sua própria imagem. Eles são nossos irmãos caçulas, por isso cabe a nós a responsabilidade do bom exemplo.

FRANCESCO VITA. São Paulo, 15 de março de 2004.

ANIMAIS

Eram três horas da manhã e uma brisa suave e refrescante soprava fazendo sibilar as folhas pontiagudas dos pinheiros que rodeavam a fazenda, como se fossem milhares de flautas executando uma melodia monótona. A Lua cheia deixava cair sua luz prata sobre as águas do lago, criando um efeito que lembravam pinceladas em um quadro pintado em fundo escuro. Próximo ao lago, semelhante a um grande espelho que refletia a grande bola branca brilhante, alguns cavalos pastavam sobre aquela grama tímida pelo sereno. O luar intenso daquela noite deixava ver os seres noturnos alados em VÔOS rasantes como sombras voadoras sobre as folhagens do pasto. Eram morcegos frutívoros fazendo vôos quase acrobáticos, ligeiros, e corujas, observadoras, atentas com seus grandes olhos, à luz vinda das lâmpadas que iluminavam o estábulo onde estavam duas pessoas em um trabalho silencioso e delicado.

O trabalho exigia silêncio e concentração, por isso sussurravam também para não assustar a velha Paloma, uma égua, já aposentada dos trabalhos na fazenda desde que contraiu uma enfermidade no casco que a impedia de trabalhar. Apesar da idade relativamente avançada, Paloma mantinha uma aparência jovem, com seus pêlos macios e brilhantes tal como quando deu sua primeira cria. Somente os pêlos encanecidos denunciavam que ela já não era mais a jovem da época em que trabalhar era diversão.

Paloma já tinha trinta e quatro anos de idade e sempre viveu na fazenda onde nasceu. Por isso, era como se fosse um membro da família do senhor Mataveira, dono daquelas terras.

Guilherme, o veterinário, estava dando assistência ao parto daquela que já não deveria mais engravidar, devido a sua idade avançada. Quanto a isso, quando indagado pelo veterinário, Mataveira justificou-se:

— Foi um descuido nosso, pois, há muito tempo Paloma já não era, ao menos aparentemente, fértil. Acreditávamos que já estava estéril. Infelizmente, Ventania, o nosso garanhão mais jovem, em sua fase mais viril, na qual os

hormônios estão à flor da pele, não se interessou em distinguir uma fêmea jovem de Paloma. Nossa Paloma é uma senhora de respeito, que nos ajudou muito em trabalhos que somente ela era capaz de fazer, devido a sua agilidade e força. Hoje está fraca e velha, mas já foi jovem e forte. Ventania devia tê-la poupado! — falou Mataveira, sussurrando para não incomodá-la.

Guilherme, o veterinário de vinte e seis anos de idade, (com quatro de experiência) estava ali não somente como veterinário, mas como amigo, pois era conhecido do fazendeiro desde criança, quando vinha com seu pai para comprar queijo e mel e cavalgar em Paloma. Guilherme olhava sério para o senhor Mataveira, enquanto ouvia as explicações do amigo, quando resolveu responder, também em voz baixa, depois de soltar o queixo que apoiava com sua mão direita.

— Senhor Mataveira, os animais não são como nós. Eles não pensam e não sabem distinguir situações que exijam raciocínio. Os hormônios mandam em seus instintos, pois é somente isso que são. São os instintos que os levam a procurar as fêmeas em época de reprodução, a fim de preservar a sua espécie. Não podemos esperar deles uma atitude inteligente como teríamos nós. Seus cérebros não foram feitos para pensar, por isso não podemos condenar Ventania por dar vazão aos seus instintos reprodutores.

O descuido foi nosso em deixá-lo próximo dela e não perceber que Paloma ainda estava com seus hormônios ativos. Agora não podemos lamentar. Cabe a nós tentar o que for possível para mantê-la viva, pois, Paloma foi fecundada por Ventania e já está em trabalho de parto, que será bem difícil. O filhote passa bem, mas há outro grande problema: além do fato de ela possuir um útero flácido, com possibilidade de se inverter e se exteriorizar o filhote está numa posição inadequada. Ele se encontra de costas, quando deveria estar de frente para o canal do parto. Teremos de manipulá-lo e tentar modificar sua posição no interior de Paloma para que consiga nascer. Isto significa uma situação de risco para ela, pois Paloma, como sabemos, já é idosa e seu coração é fraco; talvez não suporte grandes esforços durante as contrações — explicou o médico, pausadamente.

— Então, o risco dela não suportar e sucumbir também serão grandes? —

perguntou o dono da fazenda, muito apreensivo, temeroso pela saúde de seu animal preferido.

— O risco, como já disse, é muito grande, devido ao seu estado de debilidade física. Seria como se uma senhora com idade para ser bisavó engravidasse. Há uma possibilidade de que não suporte a dor e o trabalho de parto até o final. Os eqüinos são muito sensíveis à dor. Daremos analgésicos, mas não há garantias — respondeu Guilherme, com seu olhar penetrante, como se, com esse olhar firme, conseguisse colocar a idéia da gravidade do problema de forma mais completa.

Mataveira entendeu e somente observou o trabalho do médico, que começou sua intervenção. Guilherme era um veterinário experiente, apesar da pouca idade. Por isso, utilizando-se de suas habilidades médicas, estava monitorando a respiração e os batimentos cardíacos de Paloma. Eram notáveis os sinais de cansaço, e uma certa arritmia cardíaca comprometedora o preocupava. Ao contrário do que se esperava para o início do parto, as contrações eram muito fracas e insuficientes para expulsar o filhote, que já dava sinais de estar passando do tempo de nascer. Uma intervenção cirúrgica parecia urgente, Mataveira, fazendeiro que também tinha experiência, percebeu que algo não estava bem com sua égua preferida e pediu ao médico que fizesse o que fosse necessário e possível para salvá-la, mas se ela não sobrevivesse, ele entenderia.

João Rubens, o auxiliar de Guilherme, estava sempre atento aos parâmetros de saúde de Paloma, enquanto seu patrão cuidava do filhote. A pedido de Guilherme, João aplicou uma dose de sedativos previamente preparada pelo doutor, fazendo com que Paloma relaxasse um pouco, o que permitiu a intervenção. O filhote, muito grande e pesado, exigiu que o doutor utilizasse alguns instrumentos médicos para melhor posicionamento do potro, e exigindo de ambos esforços físicos extenuantes. Paloma estava mais debilitada e fraca, e o médico percebeu que precisaria decidir quem deveria salvar. Optou por salvar o filhote, pois Paloma já demonstrava sinais de falência e não suportaria uma cirurgia. A manipulação do filhote também estava se prolongando por mais tempo do que o esperado.

Duas horas se passaram, e Guilherme estava totalmente esgotado pelo

esforço. Posicionando o filhote em direção ao canal do parto, conseguiu expor uma de suas patas, e a ponta do focinho podia ser vista também, buscando o ar. O médico fazia trações lentas para não ferir o potro, mas percebeu que Paloma começou a respirar com dificuldade e que sentia dor. O doutor pediu ao auxiliar que aplicasse novamente os sedativos, a fim de amenizar a dor e para que conseguisse suportar a intervenção.

Então, João aplicou uma nova dose na mãe. Ela parecia estar suportando mais do que podia, tão-somente para dar tempo de tentar salvar o seu filhote. Paloma relaxou um pouco e Guilherme retornou ao pequeno potro, que se mostrava ansioso por se livrar da angústia de estar preso.

Guilherme podia sentir com sua mão o filhote, bem como observar os movimentos das narinas do potro, que procuravam o oxigênio através da pequena abertura para o exterior, Mas, Guilherme não percebeu que OS movimentos das pernas do filhote perfuraram a parede uterina, provocando uma hemorragia. Paloma contraiu-se de dor, mas permaneceu firme, à espera do nascimento de seu filhote. Através dos instrumentos auxiliares de tração, foi possível expor gradativamente o corpinho do filhote.

Com a ajuda de João, conseguiram retirar o escorregadio corpo saudável da pequena Palominha, pois era uma fêmea, cópia idêntica da mãe. Até mesmo a mancha branca entre os olhos que lembrava o contorno de uma pomba em vôo, ela possuía.

Com toalhas secas, Guilherme retirou os envoltórios e enxugou o filhote, além de romper o cordão umbilical que o ligava à mãe. Imediatamente, após ver-se livre de todo aquele material materno, pôs-se sobre as quatro trêmulas patas e tentou dar alguns passos, mas caiu. Nova tentativa de se levantar e, por fim, conseguiu firmar-se o suficiente para se manter e caminhar de maneira insegura até próximo ao rosto da mãe, já fraca. Normal mente, o filhote ao nascer procura mamar, mas Palominha procurou o rosto de sua mãe como se soubesse o que estava para acontecer. Permaneceu ali, trêmula, ao seu lado e se deitou, apoiando a cabeça sobre a dela, como se tivesse alcançado o seu objetivo, e, então, relaxou. Ela encontrou o que buscava com aquela que lhe deu a luz. Ao sentir o toque da filha, Paloma abriu, leve mente, os olhos e seu olhar encontrou o do

filhote recém-nascido. A expressão de Paloma mudou em ver sua cria ao seu lado. Era notável a felicidade estampada em seu rosto. Paloma a olhava com grande ternura. Era uma linda potrinha, suas pernas eram esguias. Os olhos expressivos depois de ver a mãe passaram a contemplar ao redor como se já conhecesse a todos. Parecia que ela sorria com os olhos em agradecimento pelo que fizeram Guilherme e João em seu favor e de sua mãe.

Guilherme estava aplicando medicamentos em Paloma, quando João notou sua respiração ofegante. O auxiliar chamou o doutor que, deixando o que estava fazendo, a examinou nova mente. Guilherme pegou seu estetoscópio e auscultou o coração da mãe, que estava ainda mais arritmico e fraco. Olha para Mataveira e fez um sinal com a cabeça de que a morte era inevitável. Mesmo assim, ainda tentou aplicar-lhe alguns medicamentos cardíacos estimulantes, mas, Paloma estava se despedindo de todos. Com grande esforço, levantou um pouco a cabeça, passou um longo olhar em todos e parou em Mataveira, a quem era mais apegada. Fixou seu último olhar em seu maior amigo. Deu um longo e sonoro suspiro e deixou de respirar, definitivamente. Suas pupilas se dilataram, mas, como se uma força invisível a guiasse, aproximou-se do filhote e tocou-a com seu focinho já gelado, para, a seguir, ficar imóvel. Guilherme tentou reanimá-la, em vão. Mataveira deu um impulso, saltou sobre Paloma e a abraçou, sem conseguir pronunciar uma só palavra enquanto as lágrimas inundavam seus olhos. Permaneceu em silêncio por alguns segundos e, enxugando as lágrimas, disse: Vamos enterrá-la próxima à sede, ela merece um lugar especial para descansar. Adeus, amiga. Que Deus a receba como você merece — disse Mataveira, com o olhar distante no horizonte, como se estivesse fazendo um pedido direto a Deus.

Em um canto escuro, estava João Rubens, chorando discretamente, escondido de seu patrão. João era uma pessoa extrema mente sensível e espiritualizada, que conseguia ver além do que via seu patrão materialista. Ele estava sentido com a perda de Paloma e com a cena de Mataveira, despedindo-se dela pela última vez.

Guilherme, ao contrário, encarava seu trabalho e seus pacientes de uma forma extremamente racional, evitando deixar misturar sentimentos com a rotina

de trabalho.

João Rubens sabia que, se fosse flagrado naquele estado de sentimento, seria repreendido, pois, seu patrão, apesar de ser uma ótima pessoa, algumas vezes era duro demais.

Acompanhando tudo em silêncio, estava ali perto dona Natália, a esposa de Mataveira, que, assim como João, era muito sensível. Notando a tristeza do auxiliar do veterinário, aproximou-se dele e o abraçou, dizendo:

— Você é uma boa pessoa, João. Nós percebemos que tem algo difícil de se encontrar nas pessoas: compaixão pelos animais. Fico feliz por você ser assim. Nunca deixe de ser como é, e continue a ser um exemplo, pois, talvez, um dia, Outras possam ser como você. Boa noite, João. Vá para casa e nos perdoe por incomodá-los a esta hora, tirando do sossego de seus lares para acudir um animal que, praticamente, já estava morto. Agradeço-lhes por virem nos atender, tendo que pegar estradas esburacadas neste escuro. Sei que fizeram o possível.

Guilherme fingiu nem notar que dona Natália estava tentando mostrar a ele, com sua discreta crítica, o quanto João poderia ensinar-lhe. Desapontada por não atingir o coração do médico, dona Natália abraçou-o e se afastou, em silêncio.

Assim que dona Natália deu-lhe as costas, o médico de animais dirigiu um olhar de reprovação a João Rubens, por misturar sentimento com profissionalismo, e ainda deixou que percebesse o seu estado emocional, que ele considerava como uma falta grave no trabalho e, pior ainda, deixou margem a comentários.

Voltando sua atenção para o trabalho e, após certificar-se que Palominha estava bem, recomendou ao encarregado da fazenda que a deixasse para ser amamentada com Flecha, que também acabava de se tornar mãe havia poucos dias. Ela era jovem e poderia amamentá-la e ao seu próprio filhote, sem dificuldades. O médico guardou seus pertences, sem dizer uma palavra ao auxiliar que aguardava uma reprimenda. Despediram-se de Mataveira e dos empregados da fazenda, que ainda estavam acordados à espera de boas notícias sobre Paloma, que não vieram, mas a presença de Palominha amenizou a gravidade da situação.

Partiram dali em um pequeno, mas confortável, veículo adaptado para

percorrer -os terrenos acidentados das fazendas a que assistiam. Guilherme, ainda com feições de poucos amigos, nada disse a João, mas este já sabia o que o esperava. Mal entraram no automóvel, Guilherme o repreendeu, tentando, sem conseguir, não ser grosseiro, pois sua maneira de falar já era normalmente áspera.

— João, você precisa aprender a controlar seus acessos de choro em público. Não podemos demonstrar fraqueza aos nossos clientes. Caso contrário, não nos chamam mais para atendê-los. Você precisa entender a minha posição. Já imaginou se todos ficam sabendo que você chora assim, cada vez que morre um bicho? — dizia isso franzindo a testa, usando um tom de voz autoritário.

— Perdoe-me, patrão, mas não pude me conter dessa vez, pois vi nos olhos do senhor Mataveira o quanto ele e sua senhora sentiram pela perda de Paloma. Não pude conter-me ante a cena comovedora de uma mãe tentando, com suas últimas forças, tocar a filha pela última vez — disse João, já aos soluços, como uma criança, com lágrimas caindo a cântaros.

— Calma, João. Eu não quis ser grosseiro com você! Não precisa se ofender, pois, eu apenas acho que você não deve se envolver emocionalmente com os pacientes. Animais, como eu disse ao senhor Mataveira, não sabem de nada. Morrem e nem sabem o que aconteceu. Eles não sentem e não são como nós. Veja se entende isso: animal é animal, gente é gente. Não confunda as coisas, João. Procure não agir como se os animais fossem capazes de ter alguma espécie de sentimento. Animal só sabe comer dormir e dar cria. São somente instintos. Quando morrem é como se uma máquina estivesse parando de funcionar. Sou como um mecânico de animais. Se a máquina não quer funcionar direito, lá vou eu tentar consertá-la; mas, se não tiver jeito, o melhor é substituí-la por outra máquina. Simplesmente joga-se fora a máquina estragada e substitui-se por outra. Morreu, morreu! O que se pode fazer se ninguém é eterno? Esqueça o que aconteceu com a Paloma e vá descansar porque amanhã é outro dia.

João Rubens nunca respondeu às críticas do patrão, mas, desta vez resolveu falar da maneira mais polida possível:

— Sinto muito, doutor, mas não consigo ser tão racional quanto o senhor.

Quando vejo um animal sofrendo, eu sofro junto. Por isso, não quero ser veterinário. Prefiro continuar meus estudos supletivos e quando for possível irei para a faculdade de Química. Só assim não precisarei mais me deparar com tantos animais sofrendo — falou João, que no seu íntimo queria mesmo era ser veterinário.

— Mas, eu pensei que gostasse de fazer o que você faz! — retrucou Guilherme. Pensei que quisesse ser veterinário também, para trabalharmos juntos.

— Sinto muito, doutor. É muito sofrimento para mim. Eu gosto do que faço, pois ajudo o senhor a salvar animais que não sobreviveriam sozinhos. E a maneira que tenho de contribuir com os nossos irmãos animais.

Guilherme olhou para João com expressão de deboche e por pouco não soltou uma gargalhada de desdém.

— Irmãos? Perguntou o médico, surpreso com o termo usado por seu funcionário, pois nunca supôs que um animal pudesse ser seu irmão por considerá-los apenas objeto.

Para ele era uma idéia simplesmente fora da realidade.

— Você acredita em um absurdo destes? Quem, em sã consciência, poderia supor que animais sejam nossos irmãos?

Como você consegue ter estas idéias tão doidas?

— Para mim, é algo natural, patrão! Sempre os considerei assim desde criança. Não tenho muito estudo, mas sei que eles são inteligentes e estão aqui na Terra para nos auxiliar. Eles aprendem conosco e nós aprendemos com eles — tentou explicar João Rubens.

— Inteligentes? — Guilherme riu, debochando, sem disfarçar desta vez. — Você vem com cada uma que, algumas vezes, acho que lhe faltam parafusos na cabeça. Que idéias mais esquisitas. Irmãos e ainda inteligentes! Imagine eu sendo irmão de um burro, ou de um rato transmissor de leptospirose. Eu, hein! — falou Guilherme, em tom de sarcasmo.

— Mas é isso mesmo, doutor. Por que o senhor acha que os animais estão a nossa volta? Qual o propósito de estarem aqui convivendo conosco? O senhor acredita que eles estejam aqui apenas para nos servir?

— É claro que sim — respondeu.

— É claro que não! — replicou João. — O senhor nunca se perguntou por que alguns animais nascem em locais onde são bem tratados, enquanto outros somente vivem sofrendo e morrem sofrendo também? Nunca se perguntou por que um bovino é levado ao abate em um processo doloroso de morte em massa, enquanto um cão de raça, por exemplo, é criado como um rei, comendo as melhores comidas, sendo cuidado como uma criança, recebendo o melhor tratamento possível?

— Uns têm mais sorte que outros — disse Guilherme.

— Se fosse só isso, não seria justo. Deus não agiria injusta mente com ninguém, nem mesmo com um animal. Eu acredito que estejam aqui para aprender algo conosco através destes Sofrimentos e alegrias que compartilham conosco — argumentou João Rubens.

— João do céu! Você está precisando de um psicólogo. Você está ficando doido, mesmo. Onde já se viu? Animal não pensa, não entende nada do que acontece ao seu redor

— Guilherme ironizava, não querendo aceitar os argumentos do amigo. Já pensou um cachorro descobrindo teorias científicas? — finalizou, com uma barulhenta gargalhada.

João Rubens ficou ruborizado com as observações irônicas do médico, que queria fazê-lo sentir-se um estúpido, e disse:

— Doutor, os animais são tão inteligentes quanto nós em alguns aspectos, e talvez em outros sejam melhores que nós.

Acredito que o problema seja apenas de comunicação.

Eles não conseguem pronunciar palavras como nós e por isso não os entendemos. No entanto, quando você dá uma ordem ao seu cão, por exemplo, ele obedece. Você, muitas vezes, não o entende, mas ele consegue entendê-lo.

— Ah, isso é verdade. O meu cão Bons é demais. Parece gente, entende tudo e só falta falar — concordou Guilherme, ao me nos neste momento.

— Então, doutor, o Bons já não é uma prova de que OS animais são inteligentes? — perguntou o amigo a Guilherme, feliz por encontrar um exemplo que o tocou intimamente, pois o médico adorava seu cão d tal maneira que

chegava a causar ciúmes em sua noiva, Cláudia.

— Vamos com calma — falou Guilherme. Eu não disse que o Bons é inteligente. Eu acho que ele consegue copiar de nós algumas maneiras de agir, mas é só uma repetição.

Não é espontâneo. Ele não poderia fazer algo se não tivesse me visto fazer algumas coisas que ele repete — retrucou Guilherme, insatisfeito com o argumento de João Rubens.

— Mas, doutor, o Bons é cego. Como poderia ver e copiar?

— argumentou o amigo, convencido do que dizia.

O automóvel estava se aproximando da casa de João e não teriam tempo para continuar o assunto até O final, por isso João pediu:

— Por favor, doutor, pense no que estamos falando. Amanhã cedo, ou daqui a pouco, pois já são quase seis da manhã, conversaremos a respeito. Aí o senhor me diz se estou certo ou não, em acreditar no que falamos sobre a inteligência dos animais.

— Tudo bem! Amanhã... Daqui a pouco, conversaremos a respeito. Depois de alguns minutos, parou seu automóvel em frente à casa de João Rubens. Despediram-se e Guilherme retornou, exausto, para sua casa, onde foi recebido por Bons, que veio correndo e latindo, alegremente, pelo retorno de seu melhor amigo.

Bons é um cão sem raça, que o médico recolheu em uma de suas consultas à granja do senhor Ichimura. Ele estava passando de automóvel por uma estrada que corta um intenso canavial, quando ouviu um som estridente. Parecia um miado de gato, de tão agudo que era o som do latido do recém-nascido filhote, mestiço com Cocker, que foi abandonado na beira da estrada para morrer.

— Caramba! — exclamou Guilherme — Quem poderia ser tão ruim assim para abandonar um filhote neste sol, sem água e sem comida? Dificilmente, alguém passa por aqui.

Que gente mais doida! — pensou o médico.

O jovem doutor recém-formado parou seu veículo, desceu e saiu à procura de onde vinha aquele choro sentido e agudo. Vasculhou entre os pés de cana e encontrou um monte de pêlos pretos ressecados da poeira da estrada, com os

olhos tomados por uma secreção pegajosa causada pela conjuntivite que estava a ponto de cegá-lo.

Estava em adiantado estado de subnutrição. Deveria estar ali há dias sem se alimentar. Guilherme admirou-se com a força com que gania, mesmo depauperado como estava.

Ao examiná-lo, notou que um líquido viscoso e malcheiroso escorria e em papava os pêlos do abdome. Era uma miase. Enormes larvas de moscas de até dois centímetros devoravam-lhe a carne, deixando um grande ferimento, no qual se podiam ver os vermes movendo-se no interior.

— O senhor Ichimura que me perdoe, mas não poderei atendê-lo agora — falou consigo mesmo.

Colocou o cãozinho enfraquecido, quase morto, em seu automóvel e o levou a sua clínica para tentar reanimá-lo. Chegando à clínica, que ficava no centro da cidade, Guilherme entrou como um tiro e foi direto à sala de emergências. Sedou leve mente o pequeno cão e,

cuidadosamente, retirou larva por larva, deixando à mostra os tecidos internos e músculos lesados pelas vorazes parasitas. Feito o curativo e cauterizada a ferida, o médico, trêmulo de preocupação em salvar a vida do animalzinho, banhou-o com anti-sépticos e ministrou medicamento que o livrou de uma possível septicemia.

Terminada a aplicação de líquidos hidratantes, notou após uma higienização dos olhos, que suas córneas estavam perfuradas em consequência da infecção, da presença de pus e do contato prolongado com o sol, que as queimou.

— Pobre ai Está cego. Mas não se preocupe, eu farei o que estiver ao meu alcance para salvá-lo, cãozinho — falou Guilherme ao pequeno animal, enquanto ele movia a cabeça tentando localizar com os ouvidos quem pronunciava tais palavras.

Sem que pudesse notar, João o observava, de longe, conversando com o pequeno cão. Guilherme não se deu conta, mas estava conversando com o que ele considerava um objeto sem discernimento. Foram vários dias de tratamento, mas, incrivelmente no dia seguinte ao resgate, o pequeno já se mostrava muito esperto e com uma fome desproporcional ao seu pequeno tamanho. Comia

vorazmente e, após comer, ficava com o abdome volumoso que até dificultava seus movimentos. Guilherme não queria que se alimentasse em excesso, mas deixou-o, pois estava ávido por comida, após, sabe-se lá, quantos dias sem se alimentar.

Tendo alimentação regular e tratamento adequado, em alguns dias ele estava irreconhecível. Seus pêlos brilhantes e macios, sua pele fofa que já formava dobrinhas nas patas e no pescoço, davam a ele um ótimo aspecto, mas sua visão não se restabeleceu. Foi levado para a casa de Guilherme, onde cresceu saudável, mesmo cego e sem nunca conseguir ver, desenvolveu outras sensibilidades que compensavam a falta de visão. O médico procurou não modificar a disposição dos móveis e, com isso, acostumou-se a se movimentar normalmente em casa sem se acidentar.

Assim, ele corria, brincava, como se pudesse ver; guiavase por sons, tato e olfato. Mal se podia notar sua deficiência. Era, sem dúvida, um cão especial e Guilherme sabia disso. Por isso, adotou-o e cuida dele até hoje, quando já completou seu quinto ano de vida. Bons era um belo cão de pêlos longos e brilhantes, com orelhas longas e cobertas por densos pêlos ondulados e negros.

Depois que foi resgatado da morte certa por Guilherme, nunca mais ficou doente, nem sequer pegou um resfriado. Desde que foi adotado, são inseparáveis. Por isso, quando Guilherme chega em casa, sempre é recebido por seu amigo Bons, o resgatado que agradece a seu modo, em cada latido, por ter sido salvo por este grande amigo.

Ao chegar em casa, então, após aquela noite de trabalho extenuante. Bons o abraça e o lambe com tamanha alegria que parece que não o encontra há anos. Bons correu, pulou, rolou pelo chão, latiu de alegria. Apesar do cansaço, Guilherme não resiste ao convite de Bons e começa a brincar com ele. Rolavam pela grama do quintal e corriam feito crianças de um lado para o outro. Com esta algazarra toda, surge na janela, sonolenta, Dona Elza, mãe de Guilherme.

— Guilherme Tavares Benati! Que bagunça é essa no meu jardim a esta hora da manhã? Você não cresce, mesmo, hein! Olha a sua roupa, está toda suja e babada. Vão tomar banho os dois, enquanto esquento o café!

— Oi, mãe! Foi culpa do Bons, eu estava quietinho! — brincou Guilherme

com sua mãe, como se fosse apenas uma criança com seu cachorro.

Dona Elza entendeu a brincadeira do filho, sorriu e fez um sinal com a cabeça chamando-os para dentro. Bons correu para frente, como se pudesse ver.

— Senta, Bons! — ordenou Dona Elza. Bons abaixou-se e colocou a cabeça entre as patas dianteiras e não se moveu dali, obediente. Então, dona Elza reparou no odor exalado pelo filho e pergunta: — Que cheiro é esse?

Guilherme dá um sorriso sem graça, pois por estar acostumado com os cheiros que adquire no trabalho, esquece-se de que podem incomodar outras pessoas. Ele foi direto tomar um banho para livrar-se daquele odor que estava incomodando sua mãe e retornou para a mesa que o esperava com seu desjejum. Mas antes de se ajeitar em sua cadeira, sua mãe fala:

— Filho, você vai acabar doente trabalhando deste jeito. Você está desde a noite de ontem trabalhando. Ninguém agüenta este ritmo. Descanse hoje — pediu dona Elza ao filho, que nem pensava em dormir. Ele só queria comer algo e voltar para a clínica.

— Mãe, a senhora já deveria saber, vida de médico é assim mesmo, as emergências surgem quando menos

esperamos, seja dia ou noite. E além do mais, eu não poderia deixar de atender a Paloma. Eu a conheço desde que me conheço por gente. Lembra-se quando íamos com papai à fazenda do senhor Mataveira comprar mel e queijo? Enquanto vocês ficavam de conversa, eu ia cavalgar Paloma, acompanhado pelo seu Juca, o capataz. Paloma era muito querida — explicou Guilherme, já com a voz um pouco lenta por causa do sono que se aproximava e o abatia. Seus olhos estavam irritados pela vigília prolongada, que o fazia esfregá-los sem parar, enquanto bocejava várias vezes.

— Tudo bem! Você é quem sabe. Eu sou só sua mãe e você já está bem crescidinho para saber o que é melhor para você ou não. Coma ao menos, para não piorar sua saúde.

Eu fiz bolo de fubá com queijo, de que você tanto gosta. Ah! Antes que eu me esqueça, a Cláudia ligou ontem, porque não o encontrou o dia todo e estava preocupada com o seu excesso de trabalho — disse Dona Elza ao filho, que mal prestava atenção às palavras, enquanto as pálpebras pesadas caíam, obrigando-o

a dar longas piscadas e fazer um grande esforço para se manter acordado.

— Está bem, mãe. Já ligo para ela.

Dona Elza serviu-lhe o desjejum e foi cuidar dos seus afazeres domésticos. Guilherme morava com sua mãe e com Bons; seu Vitor havia morrido há dois anos de câncer no pulmão, pois era fumante inveterado. Dona Elza nem gostava de tocar em assuntos relativos às doenças, pois a faziam lembrar-se de quanto seu Vitor sofreu, quando a doença se alastrou sem que OS médicos pudessem fazer algo a respeito.

Guilherme separou um pedaço de queijo fresco, que dona Elza mesmo fez. Serviu-se de uma grande xícara de leite com café muito açucarado e uma grande fatia de seu bolo preferido. Bebericou um pouco de café, cuidadosamente, pois estava muito quente. Mais um gole, uma mordida no bolo de fubá e o sono se abate sobre Guilherme.

Mastigava, lentamente, e, por fim, apoiando sua cabeça sobre seus braços, adormeceu sobre a mesa. Mal fechou os olhos, sentiu-se leve, como se flutuasse.

Estava sonhando. Subitamente, se vê em uma grande fazenda, muito arborizada, onde soprava uma brisa refrescante sobre sua face, fazendo movimentar sua cabeleira.

A entrada daquela fazenda era enfeitada por flores de um colorido pouco comum, que pareciam ter sido plantadas com extremo cuidado por um paciente jardineiro. Elas coloriam o ambiente de uma forma tão harmoniosa que poderia ter sido feito por um artista plástico de muito bom gosto. Pareciam exóticas, pois eram de espécies que nunca tinham sido vistas antes por ele. A estrada que dava para a entrada da fazenda era muito bem trabalhada por tijolos amarelos e pedriscos que pareciam ter sido colocados um a um.

Olhando para cima, Guilherme se depara com um céu muito azul e límpido e admira-o, pois não se conhece um céu assim tão limpo e com atmosfera tão perfumada em lugar antes visitado pelo jovem doutor dos animais.

Os pássaros de plumagens tão diferentes eram muito amistosos e pousavam próximos ao médico, como se soubessem que ele não representava qualquer ameaça. Eram de todas as cores, e seus cantos pareciam música tocada por um experiente flautista. Na entrada, havia uma grande porteira, com uma inscrição

acima, no ponto mais alto:

“Rancho Alegre”.

— “Rancho Alegre!” Que lugar mais bonito! Parece um sonho! — exclamou o médico. Quem será o dono disso tudo? Deve ser alguém muito rico e deve ter muitos empregados para manter tudo tão organizado e limpo deste jeito. Não me lembro de ter estado aqui antes, mas sinto-me estranhamente familiarizado... Parece que já conheço este lugar, mas não me lembro. Mas, de qualquer modo, estou admirado com tanta beleza, sem falar do bem-estar que me invade. Gostaria de conhecer este lugar. Será que alguém virá me receber?

Mal acabou de pensar nisso, notou, ao longe, uma figura conhecida, que se aproximava. Estava mais jovem e mais disposto. Estava muito mais forte e corado do que quando o viu pela última vez. Mas, sem dúvida, era ele. A semelhança era muito grande para não ser. Era o pai do senhor Mataveira.

— Senhor Gustavo! — exclamou Guilherme, estranhando a presença deste que conhecia desde criança.

— Sim, Guilherme! Prazer em revê-lo bem e forte — disse o senhor, que o doutor reconheceu como sendo seu velho amigo.

— Mas, o senhor não morreu? Eu não fui ao seu enterro por que não me sinto bem em velórios, mas tenho certeza de que meus pais foram, O senhor morreu ou estou sonhando? — perguntou, admirado, à aparição.

— Morrer? Ninguém morre, Guilherme. A morte é apenas uma ilusão. E um período temporário entre dois estados evolutivos em que apenas nos desvencilhamos do envoltório que nos serviu enquanto vivíamos no mundo físico e deixa de ser útil quando acertamos nosso retorno ao nosso verdadeiro mundo, o espiritual. Aquele revestimento físico, que foi somente um instrumento, é deixado para trás e devolvido à natureza quando novamente nos reunirmos aqui nesta outra dimensão. — explicou Gustavo, com voz paternal.

— Então eu morri também? — perguntou, assustado com a possibilidade de ter desencarnado — devo ter cochilado enquanto estava tomando meu café da manhã e me afoguei no leite, ou bati com a cabeça na mesa, e nem notei que não estou mais vivo.

— Nada disso, Guilherme. Todas às vezes que dormimos, nosso corpo

espiritual, juntamente com a nossa consciência, se torna livre do corpo físico pelo período que durar o sono.

Estando libertos, agimos como se estivéssemos desencarnados sem estar. Podemos voltar ao corpo físico a qualquer momento. Com isso, iremos aonde quisermos, com a velocidade do pensamento, pois nos movemos através do pensamento quando estamos livres do denso corpo físico. Você ainda está ligado ao seu corpo físico através destes fios brilhantes, quase invisíveis, que saem do seu peito e da sua cabeça.

— Ah! É verdade. Posso perceber. Há mesmo um fio aqui. — falou Guilherme, que tentou tocá-lo, mas suas mãos atravessaram os fios, como se presenciasse uma ilusão óptica.

Tentou várias vezes tocar o cordão, sem sucesso, e desistiu. Então, olhou para o seu amigo e notou que nele não havia resquícios de cordão ou algo parecido.

— O senhor não tem cordão? Por quê? — perguntou Guilherme.

— Não, eu não preciso mais ter um, pois não estou mais encarnado. Meus laços com o mundo físico se romperam há anos. Os únicos contatos que faço com o mundo físico são apenas visitas ocasionais aos familiares, quando me sobra tempo.

— Mas se o senhor não vive mais entre nós, então não precisa se preocupar mais em sobreviver, nem tem que trabalhar para pagar contas e os salários dos empregados, não vai mais fazer negócios com gado leiteiro e mel. Como pode não ter tempo para reencontrar a família e os amigos?

— perguntou Guilherme, curioso.

— Com freqüência, recebo visitas dos familiares, que vêm nos auxiliar em nosso rancho, e de amigos que nos procuram para uma prosa e também para trabalhar conosco, mas retornar ao mundo físico em visita social é muito raro, pois pode não parecer, mas há mais trabalho a fazer aqui do que quando eu era encarnado e trabalhava na fazenda.

— O senhor é o dono desta fazenda aqui também?

— Não, não. Sou apenas um dos trabalhadores. Esta fazenda é, na realidade, uma colônia espiritual, isto é, uma comunidade que cuida dos animais,

auxiliando-os principalmente no seu aprendizado evolutivo. Há vários colaboradores de diversas áreas de especialização e várias equipes especializadas em assuntos relativos aos animais. Há os colaboradores das equipes de resgate, de cirurgiões, os responsáveis por animais selvagens, que incluem os animais marinhos e diversos outros. Aqui em nossa fazenda trabalham muitos que foram, quando encarnados, veterinários, que nos auxiliam, mas há muitos outros que se encontram ainda encarnados também. Dentre os diversos especialistas, há aqueles que exercem as mesmas especialidades que exercem na Terra, trabalhando aqui, em funções semelhantes. Há aqueles que não são especialistas, mas são grandes colaboradores e trabalhadores valorosos naquilo que fazem e que por isso merecem tanto respeito quanto os Outros.

— Então, há muitos trabalhadores aqui que ainda vivem na Terra, assim como eu? Como podem trabalhar no mundo espiritual estando encarnados?

— Sim, há vários colaboradores encarnados, e quando dormem, assim como você está fazendo agora, se transportam mentalmente até aqui para exercer o que sabem e o que podem fazer para auxiliar os nossos irmãos animais em sua escala evolutiva. Ficam pelo tempo que acharem necessário ou que tiverem disponível, mas o melhor de tudo isso é o fato de que, quando estão auxiliando, ajudam a si próprios também a se elevar espiritualmente. Trabalhar na espiritualidade é um aprendizado constante, pois já dizia São Francisco de Assis: “E dando que se recebe”.

— O senhor falando assim parece o João, meu secretário, que chama os animais de irmãos.

— Você se refere ao doutor João Rubens? — perguntou Gustavo.

— Não, doutor não. O João Rubens mal fez o primário, está tentando terminar o primeiro grau fazendo escola supletiva por correspondência. Ele é semi-analfabeto. — explicou Guilherme, um tanto quanto constrangido com o suposto mal-entendido. — Este aí deve ser outro João Rubens!

— completou Guilherme.

— Engano seu, amigo. Aqui ele é conhecido como doutor João Rubens, e ele é um dos diretores mais graduados de nossa comunidade. Em outras épocas, em reencarnações passadas, ele já ajudava em nossa instituição e, aliás, é um dos

fundadores desta que foi formada há mais ou menos quinhentos anos por índios, negros africanos que eram escravos dos senhores de engenho, e alguns europeus, principalmente portugueses e ingleses. Depois disso, juntaram-se a nós vários japoneses, chineses, egípcios e muitos outros de diversas nacionalidades e em épocas diferentes. O doutor João Rubens, quando da época da fundação de nossa colônia de animais, era um índio muito respeitado em sua comunidade. Como líder, era uma pessoa extremamente justa e bondosa, mas sempre sentiu necessidade de reencarnar para resolver problemas cármicos e para ajudar naquela outra dimensão em que você vive hoje. Retornou a nós novamente como escravo em diversas reencarnações. Em outras reencarnações, estudou medicina; em outras, foi engenheiro, físico, químico, biólogo. Foi um cientista brilhante, reconhecido por mérito entre a comunidade científica no século XX. Recebeu prêmios importantes como cientista. Hoje, é um humilde auxiliar, por opção, mas não o subestime. É uma mente notável expôs Gustavo a Guilherme, que nem piscou, atento e boquiaberto.

Quem diria, hein! O João Rubens. Eu nem poderia imaginar. Esse João Rubens sempre me surpreendendo comentou Guilherme, com um misto de surpresa e constrangimento por tê-lo subestimado.

Notando que Guilherme ficou pouco à vontade com a notícia de ter um auxiliar tão graduado, Gustavo o convidou para conhecer o “Rancho Alegre”.

— Vamos entrando, vamos conhecer a casa! Nós o chama mos aqui para isso mesmo.

— Vocês me chamaram? Como assim? Eu pensei que tivesse chegado aqui por acaso.

— Depois que você e João Rubens conversaram sobre a vida espiritual dos animais, sentimos que você estava quase amadurecido para nos auxiliar. Se você quiser, é claro.

— Mas eu discordo de quase tudo o que o João me falou!

— Mesmo assim você está apto a auxiliar.

— O que devo fazer, então?

— Por enquanto, só conhecer a casa e depois a rotina dos trabalhos daqui. Posteriormente, você irá trabalhar conosco efetivamente, mas, por enquanto,

ainda precisa preparar-se melhor para as tarefas que desenvolvemos aqui. Mas, venha, vamos entrando...

Ao se aproximarem da grande porteira, ela se abriu, automaticamente, tornando-se quase invisível para tornar-se novamente sólida, após a atravessarem. Guilherme admirouse com o mecanismo de abertura daquela porteira enorme e exclamou:

Ah! Por isso não notei as porteiras se abrirem quando você saiu!

— Exatamente. Este portal somente se abre às pessoas cadastradas. Assim, são evitadas invasões e ataques de selvagens que querem agredir nossos irmãos que estão sob nossa responsabilidade.

— Selvagens? — perguntou Guilherme.

— Sim, os selvagens são seres ignorantes, no sentido espiritual. Não são ignorantes intelectualmente, pois muitos deles são até mesmo doutores na Terra; no entanto, se comprazem em ferir e maltratar animais. Organizam caçadas e safáris no mundo físico para exterminar animais indefesos e, durante o sono, libertam-se de seus corpos físicos e tentam entrar clandestinamente em nossos limites, a fim de praticar este esporte detestável, que é a caça de animais com armas plasmadas mentalmente por eles. Os animais que estão aqui não podem ser aniquilados, pois já estão desencarnados, mas, mesmo assim, podem sofrer graves desequilíbrios que atrasariam seu retorno ao mundo físico, em função dos transtornos decorrentes. Essas pessoas são freqüentemente acompanhadas por seres horripilantes, que se assemelham a animais em aspecto, apesar de serem humanos vindos de regiões trevosas, agindo como guias de caça, indicando os lugares onde se encontram os animais e fornecendo armas e munições em troca de um pagamento que me arrepia só de pensar.

— Pagamentos?

— Sim, como pagamento pelos serviços de guia, eles entregam suas energias vitais a eles, que os sugam enquanto estão em atividade na Terra durante a vigília.

— Nossa! Que terrível. E se conseguirem entrar, como se defendem?

— Temos uma equipe de segurança a postos, ininterruptamente, munida de armas elétricas que produzem descargas dolorosas que fazem os encarnados

desdobrados despertarem na Terra com horríveis dores de cabeça. Os desencarnados atingidos pelos raios, geralmente desmaiam e são levados de volta ao seu lugar nas profundezas. Enquanto os encarnados se preocupam com a cefaléia, esquecem nossos animais e os seus parasitas espirituais também não os alcançam, pois, os raios possuem uma característica que é a de modificar seus padrões vibratórios. Quando os mudam, tornam-se ‘indigestos’ aos parasitas que procuram se afastar, ao menos, temporariamente. Na verdade, a descarga elétrica que recebem se assemelha, em termos de frequência, ao passe magnético, ou à hóstia, ou, ainda, quando vão à igreja evangélica, às energias da imposição das mãos. Quando os selvagens se sobrecarregam destas energias positivas, que são contrárias às energias que carregam consigo, normalmente, sentem forte mal-estar e acordam.

— Deve ser uma guerra, não é mesmo?

— Sim, é terrível; mas, vamos entrando — convidou Gustavo Caminharam por uma estrada rodeada de extensos jardins floridos e de onde podiam ver diversas estradas que ligavam muitos prédios. Eram dezenas de prédios em todas as direções. Continuaram a caminhar por alguns metros. Então, Guilherme olhou para frente e percebeu uma nuvem de poeira que se formava e se movia à grande velocidade em direção aos dois. Gustavo não parecia surpreso, mas Guilherme ficou curioso.

— O que será aquilo? — perguntou Guilherme ao seu amigo Gustavo.

— Não reconhece? Olhe melhor.

— Parece um cavalo, e veja que cavalo esperto e ágil. Faz movimentos muito rápidos como nunca presenciei algum animal destes fazendo. Galopa tão velozmente que mal consigo acompanhar seus movimentos. Ele parece flutuar no ar. Isso é incrível! — observou Guilherme, admirado com tamanha agilidade em um animal tão pesado.

— Repare melhor e verá que é a nossa Paloma.

— Paloma?! Mas ela estava agora mesmo morrendo, por estar totalmente enfraquecida. Como pode? Ela parece tão jovem e saudável!

— Lembra-se do que lhe disse sobre o corpo físico? — perguntou Gustavo.

— Pois então, o corpo de Paloma já estava gasto pelo tempo, mas seu espírito

permanece jovem.

A aparência dela agora é reflexo de como se sente neste momento e era assim que também estava, mesmo quando sua máquina física falhou. O corpo envelhece, mas o espírito não. Assim que a libertamos de seu corpo físico, ela saltou para nossa dimensão como uma borboleta sai de sua crisálida, já dando galopes, saltos, como se nada houvesse acontecido. De fato, nem houve necessidade de sedá-la para proceder à soltura dos liames que a prendiam ao seu velho corpo esgotado. É espantoso como eles não se ressentem dos males sofridos no físico ao retornarem.

Enquanto Gustavo falava, Paloma vinha se aproximando dos dois. A poucos metros, diminuiu seu ritmo e aproximou-se trotando, para demonstrar como estava bem. E, mesmo quando estava a longa distância, já havia reconhecido Guilherme. Aproximou-se ainda mais e devagar para tocar-lhe a face com seu grande e quente focinho, como quem diz: “Eu sabia que você viria. Bem-vindo, amigo, à minha nova casa”. Em seguida, ofereceu um olhar meigo a ambos e afastou-se dali, a galope, até sumir de vista. Guilherme não tinha certeza, mas parecia-lhe que ouviu as palavras de Paloma ecoarem dentro de seu cérebro. Tentou disfarçar, para não parecer tolo, e se recompôs antes de perguntar:

— O que acontece com Paloma agora? Viverá aqui para sempre? Aqui seria como o paraíso dos cavalos?

— Aqui não é o paraíso, mas é um Ótimo lugar, onde os animais são bem tratados até se recuperarem e estar em condições de retornar ao mundo físico e continuar seu aprendizado. Aqui se encontram não somente cavalos, mas todas as espécies de animais que conhecemos na Terra, dos quais cuidamos até sua recuperação. Aqui nós os preparamos para um novo retorno à vida física. Mas, como pode perceber, não é exatamente um paraíso, mas tão-somente uma colônia espiritual. Este lugar é apenas um posto intermediário. Há muitos outros em outras localidades que cuidam de assuntos ligados a animais mais evoluídos que os que conhecemos, cuja tecnologia é desconhecida de nós. É necessário muito tempo de estudo e trabalho para sermos levados a pontos mais avançados de trabalho que estão, digo, com certeza, a muitos anos-luz de nossa capacidade. Nosso trabalho aqui é bem elementar, se comparado com o que desenvolvem por

lá, mas não nos preocupemos com isso ainda.

Gustavo ia prosseguindo com o diálogo quando, subitamente, notou que Guilherme estremeceu, como se fosse tomado por um grande susto, para, a seguir, ter seus cordões prata avolumados e aumentado sem consistência. Seus músculos se retesaram e suas pupilas se dilataram, O cordão que o ligava ao corpo físico aumentou de diâmetro e parecia se contrair. Estava como tomado por uma dor repentina que o impedia de continuar o diálogo final, Guilherme, como se desmaterializasse diante de Gustavo, desapareceu sem ter tempo de se despedir de seu velho amigo. Guilherme retornou subitamente ao corpo físico, pois sua mãe o estava acordando.

— Acorde, Guilherme! Acorde! Não durma sobre a mesa, você vai ficar com a coluna toda dolorida. Tome seu leite e deite se em sua cama. Já está arrumada, à sua espera.

Guilherme ainda sonolento e sem recuperar totalmente sua consciência, acordou, falando de modo desconexo.

— O que foi? O que aconteceu? Senhor Gustavo? — perguntava Guilherme atormentado pelo retorno inesperado e repentino à sua mãe.

— Que Gustavo, que nada. Você está sonhando. Vá deitar-se em sua cama — pegando o filho pelo braço, carregou-o como a uma criança, ajudando-o a encontrar o quarto e sua cama.

— Mãe! Eu vi o senhor Gustavo no sonho e a Paloma também estava lá. Que sonho mais esquisito! Sonhei que ela falou comigo. Quanto tempo eu dormi?

— Ah! Não chegou a um minuto, mas ali não é lugar de dormir. Lugar de dormir é na cama — falou a mãe, com certa autoridade.

Ajudando-o a deitar-se, acomodou o rapaz e o cobriu, saindo devagarzinho, sem dizer mais nada, pois notou que seu filho novamente tinha pegado no sono. Em silêncio, afastou-se e fechou a porta atrás de si com todo cuidado. O cansaço físico após o trabalho extenuante com Paloma o havia esgotado. Por isso, dormiu sem notar que já estava em sua cama, para onde caminhou automaticamente sem saber como chegou ali.

BOB

Guilherme dormiu como uma pedra. E, ao acordar, quatro horas depois, de nada mais se lembrava, exceto algumas cenas e alguns diálogos rápidos com o senhor Gustavo, o velho amigo. No entanto, algo ficou muito marcado em sua mente: as palavras ditas mentalmente por Paloma.

A cena daquele contato de sua face com o focinho quente de Paloma não saía de seu pensamento. Ele ainda podia sentir o hálito e a respiração de Paloma, como se ela ainda estivesse ali do seu lado. Ele mantinha intacta a impressão de poder ouvi-la, como se falasse com ele por pensamento, e isso o deixou abalado, pois era muito céptico sobre estes assuntos espirituais. Não conseguia pensar em outra coisa após acordar apressado por estar atrasado para ir à clínica. Mesmo assim, acreditou que era por causa do diálogo que teve com João Rubens, momentos antes de chegar em casa pela manhã, a influenciá-lo. Mas, naquele momento, sua preocupação maior era com seus horários de trabalho.

— Mãe, por que você não me chamou antes? Estou atrasadíssimo! Os clientes devem estar furiosos comigo. Eu já deveria estar na clínica há horas — disse Guilherme, que segurava uma escova de dente e falava em voz alta com sua mãe, que se encontrava em outro cômodo da casa. Apressado, Guilherme escovava os dentes e se vestia, ao mesmo tempo.

— Eu deveria visitar o sítio do senhor Ichimura e do senhor Nakayama logo cedo — completou — eles devem estar pensando que não irei mais.

— Não se preocupe, filho — respondeu a mãe, falando também alto, do outro lado da casa — a Cláudia passou por aqui e o encontrou em sono pesado, por isso cuidou de tudo. Ela já deve ter organizado sua agenda de hoje de modo a não sobrecarregá-lo. Você sabe, a Cláudia é a organização em pessoa. Se ela não ligou é porque não surgiu nenhuma emergência. Fique tranquilo, tenho certeza que estará tudo pronto, à sua espera, quando você chegar no seu escritório.

Ainda apressado, Guilherme gritou de novo, já na porta da saída, e se despediu de sua mãe.

— Mãe! — gritou Guilherme — Estou indo. Até mais tarde!

— Até mais tarde, filho. Tenha um bom dia de trabalho!

Saindo rápido, do lado de fora estava Bons, que veio correndo em sua direção e pulou sobre ele para desejar-lhe um bom dia, mas acabou sujando sua calça branca.

— Não, Bons. Seu desastrado! Agora vou ter que ir trabalhar sujo. Veja o que fez na minha calça! Ah! Você nem pode ver Fica aí. Depois nós conversaremos sobre isso — bronqueou Guilherme.

Saindo apressado rumo ao consultório, Guilherme nem ao menos reparou o quanto feriu os sentimentos de seu amigo. Bons sentiu-se o último dos cães. Então, ficou ali, cabisbaixo. Abaixou as orelhas, como se estivesse se desculpando. Ele parecia dizer: “Desculpe-me” e afastou-se indo deitar-se, triste, sobre o tapete da porta da cozinha. Permaneceu imóvel por horas, deixando Dona Elza preocupada.

Guilherme, ao chegar ao consultório, encontrou João Rubens, seu auxiliar técnico, em uma animada conversa com sua noiva, Cláudia, que o ajudava na clínica enquanto estava de folga no hospital onde trabalhava dando plantões.

Ela é nutricionista do Hospital Municipal — o principal hospital da cidade. Cláudia é descendente de japoneses. Aqui, seus parentes se estabeleceram e criaram raízes.

Tiveram seus filhos e netos. Cláudia tem uma vitalidade de dar inveja. Adepta da prática de yoga e tai-chi-chuan, possui energia de sobra para trabalhar em seu plantão e ainda dar auxílio em uma creche e em outros trabalhos voluntários pela cidade, com pessoas carentes.

No hospital é conhecida como mosquitinho, por não parar quieta um segundo. Sobe e desce as escadarias do prédio com uma celeridade que chama a atenção de todos.

Ela é muito querida pelos pacientes, médicos e enfermeiros, que a respeitam por ser uma pessoa que se importa com todos. Passa de quarto em quarto para obter a opinião dos pacientes sobre a qualidade e a aceitação dos alimentos que são servidos, e ainda encontra tempo para ouvir o que cada um tem a dizer. Todos querem contar como surgiu sua enfermidade e como sofrem com isso.

Cláudia, pacientemente, ouve a todos e sempre transmite a cada um deles a confiança que os motiva a lutar contra o mal físico que os aflige. Isso OS ajuda a enfrentar suas doenças com mais ânimo, pois Cláudia sabe o quanto são carentes, principalmente aqueles com enfermidades incuráveis.

A nutricionista é tão querida que em alguns chega a causar ciúme. Sua chefe está constantemente dando-lhe reprimendas porque ela fica ouvindo os “lamentos” dos pacientes.

Mas, Cláudia sabe que são apenas reações de ciúme, pois ela consegue cumprir suas obrigações a contento, sem deixar de ouvir um paciente que seja.

Ela faz seu trabalho, que vai além de sua obrigação, mas faz com boa vontade. Quando os pacientes têm alta, voltam sempre ao hospital, somente para visitá-la. É uma pessoa especial, sem dúvida, tímida, mas ao mesmo tempo muito carismática. Ela é muito espiritualizada e compartilha com João as mesmas opiniões, a respeito dos animais serem nossos irmãos, mas nunca comentou com Guilherme a respeito disso, pois sabe como o seu noivo é céptico.

Certa vez, perguntou-lhe sobre Deus. A resposta foi, no mínimo, estranha para ela, cuja condição espiritual é elevada.

Guilherme respondeu: — Deus!? Deus não existe.

É apenas uma criação mental das pessoas para que se sintam amparadas de qualquer forma, mas é só isto.

Cláudia, surpresa com a resposta, perguntou-lhe: — Guilherme, se Deus não existe, o que faz tudo funcionar tão coordenadamente e sincronizadamente no Universo? Quem criou e põe ordem nessa imensidão?

É a Natureza! A Natureza é perfeita — respondeu o noivo, certo de que sua resposta era abrangente o suficiente para convencer sua noiva de que seu argumento era melhor.

Então, Cláudia acalmou seu coração, pois notou que Guilherme entendia Deus como sendo a Natureza e sentiu-se satisfeita, pois de certa forma ele estava certo e discutir não era sua intenção. Aliás, Cláudia raramente entrava em contendas por pontos de vista. Ela respeitava todas as opiniões.

Por isso, ambos se davam bem, pois ela era o oposto de Guilherme. Um completava o outro de certa forma. Dona Elza, a mãe de Guilherme, não sabia

ainda, mas ambos estavam planejando unir-se em matrimônio em breve tempo e pretendiam ter João Rubens como padrinho.

Ao entrar na clínica, vendo João Rubens e Cláudia em animado colóquio, Guilherme sentiu-se um pouco enciumado, e João Rubens percebeu sua expressão e calou-se, repentinamente.

Cláudia estava de costas para a porta de entrada e, notando a mudez repentina de João Rubens, virou-se e viu Guilherme com fâcias de poucos amigos.

— Bom dia, Gu! Era assim que ela o chamava. Dando-lhe um beijo no rosto disse: Acordou mal-humorado? O que aconteceu? Levantou com o pé esquerdo? — brincou a noiva, tentando reanimá-lo. Então, fez-lhe cócega na barriga, oferecendo um largo sorriso.

— Ah! Foi o Bons. Encheu-me de terra. Olha só — falou Guilherme, apontando com o indicador a pegada de poeira do cão carimbada em sua coxa esquerda — como é que vou trabalhar, estando sujo de pata de cachorro?

— Trabalhando, ué! Todos sabem que veterinário pode se sujar um pouco no seu ramo. Ninguém liga para isso! Relaxe — e deu outro beijo no rosto de seu noivo, que se mostrou mais sossegado.

— Tudo bem. Vamos à agenda — disse Cláudia. Algumas pessoas ligaram e eu expliquei que você ficou a noite toda no senhor Mataveira em uma emergência e voltou exausto.

Estava descansando um pouco, mas atenderia a todos. Marquei os nomes dos que querem sua visita e os horários em que você poderia atendê-los.

Guilherme examinou a agenda, verificou os horários e disse:

— Obrigado, Cláudia. Não sei o que eu faria sem você. Não sei onde você consegue energia para fazer tantas coisas ao mesmo tempo. Trabalha no plantão do hospital e, na sua folga, ao invés de descansar, vem aqui e organiza a minha bagunça. Que energia! Guilherme estava admirado com a vitalidade de sua noiva de pequenos olhos amendoados e cabelos pretos com leve tom castanho.

— Irei atendê-los de acordo com sua organização. Aposto que o primeiro da lista é o senhor Ichimura, estou certo?

— É ele mesmo! — respondeu a pequena sansei de pele branca como

algodão.

Guilherme, após conhecer seu roteiro e horários, começou a preparar a valise que carregava consigo quando saía em consultas externas, e quis saber:

— Mas, me digam, sobre que assunto vocês falavam tão animados!

— Falávamos sobre a espiritualidade dos animais. João me falou que vocês conversaram a respeito — disse Cláudia.

— Isto mesmo, mas não sabia que você se interessava por isso. Eu sei que você estuda assuntos relativos a estas coisas de espiritualidade, mas achei que você só entendia de fantasmas.

Disse Guilherme, mostrando sua ignorância a respeito dos assuntos espirituais.

Cláudia, com paciência extrema, nunca se exaltava com as observações debochadas e sarcásticas do noivo. Ao contrário, via em suas atitudes e palavras a oportunidade de expor suas idéias ao noivo céptico que, aos poucos, estava aceitando melhor os assuntos preferidos dela.

— Ah! Como você é bobo, Gu! Não tem isso de fantasmas. São espíritos. E animais também têm espírito. Quando morremos, nosso espírito se liberta definitivamente e deixamos para trás nosso invólucro físico do corpo e nos atiramos em outra dimensão: a espiritual, onde não mais precisamos daquele corpo que nos serviu enquanto vivíamos na Terra. Assim, temos nosso espírito livre. Alguns são encaminhados às colônias espirituais para tratamento ou educação. Outros, que não acreditavam, ou nem sabiam enquanto estavam encarnados que a vida continua, após a perda do corpo físico, nem ao menos notam que não pertencem mais a esta dimensão e ficam vagando por entre as pessoas. Antes de serem resgatados por parentes e amigos que os esperam naquela dimensão, podem ser vistos por algumas pessoas encarnadas que tenham maior sensibilidade mediúnica, isto é, se mantêm perceptíveis aos que possuem vidência. Os animais são como nós: quando morrem, também são encaminhados para a dimensão espiritual e são acolhidos por equipes que os tratam e alimentam.

Guilherme interrompeu neste ponto, com intenção de fazer mais deboches. Mas, Cláudia percebia um interesse oculto, que ele relutava em revelar:

— E fantasma precisa comer? — Falou rindo.

— A maioria das pessoas está muito ligada aos hábitos terrestres. Precisam se alimentar, dormir, vestir-se, etc. Os animais são mais ligados ainda aos hábitos alimentares, por isso, apesar de não precisarem para manter seus corpos físicos — que não possuem mais —, são alimentados mais para não perturbar seus hábitos do que por uma necessidade real.

— Ah! — exclamou, dando um sorriso enigmático.

Cláudia continuou com sua explicação:

— Então, continuando de onde parei: os animais são agrupados por afinidade, senão haveria um reboiço quando um cão, por exemplo, se encontra com um gato. Eles mal distinguem as duas dimensões. Para eles estarem aqui ou lá é a mesma coisa. Por isso, um cão que deteste gatos, ao se deparar com um deles lá, o atacaria e o outro tentaria defender-se, usando seus instintos que estão impressos no seu corpo espiritual. Se tivéssemos uma boa vidência, notaríamos, talvez, a presença de espíritos de animais à nossa volta, pois eles transitam facilmente entre as duas dimensões sem distingui-las. E outra coisa interessante de se salientar:

É a vidência nos animais. Eles são naturalmente videntes. Eles vêem espíritos de seres humanos, por exemplo, que nós mesmos veríamos com dificuldade, sem distinguir praticamente em que dimensão estão vendo. Tanto vêem a nós quanto aos espíritos que estão ‘em outras dimensões — argumentou Cláudia, com destreza de palavras e paciência.

Nossa! Você está parecendo o João. Você acredita nestas coisas com tanta convicção que quase chega a me convencer. Se outras não fossem as minhas convicções, eu poderia achar que o que você diz é verdade mesmo — disse Guilherme à noiva, que não se calou com a sinceridade do parceiro.

— Mas o que te faz ter tanta certeza de que não é como eu digo? — perguntou Cláudia.

A razão! É só pensar um pouco e tudo isso que você diz perde o valor — respondeu, sem rodeios.

— Ora, Gu! Pense você, então, no que eu digo e me diga onde está o absurdo de minhas palavras. Nós temos provas da existência da espiritualidade e

de seus habitantes o tempo todo. Muitos cientistas estão atestando isso.

— Devem ser cientistas malucos ironizou o doutor.

Sem dar ouvidos aos comentários irônicos do noivo, Cláudia tenta explicar-lhe sobre os estudos científicos a respeito.

— Na Rússia, os cientistas conseguiram provar que nós possuímos também um corpo não físico, que eles chamam de corpo biofísico ou corpo de bioplasma. Este corpo seria o nosso corpo espiritual. Parte deste corpo de bioplasma nos acompanha após nossa desencarnação ou durante o nosso sono, quando podemos abandonar temporariamente o corpo. Quando dormimos nos livramos, durante o tempo que durar o sono, do corpo físico. Estando novamente livres, entramos na dimensão espiritual para retornarmos dela para mais um dia aqui, quando acordamos. Quantas vezes sonhamos com pessoas que já partiram e obtemos delas informações que somente elas poderiam nos trazer? — disse Cláudia ao companheiro incrédulo, que permaneceu um momento imóvel tentando lembrar-se do sonho que teve há pouco. Ele pareceu realmente interessar-se por este tópico.

Se for verdade o que está dizendo, então, há pouco, em sonho, conversei com o senhor Gustavo, pai do senhor Mataveira, e me encontrei com a Paloma, que morreu — disse o médico.

— Claro, você realmente os encontrou. Não há dúvida.

Guilherme estava relutante em demonstrar interesse, e por isso quis interromper a conversa, demonstrando um falso desinteresse.

— Vamos parar um pouco. Esse papo está me deixando cansado. Eu vou sair para atender estes clientes e depois voltamos ao assunto. Irei ao senhor Ichimura e à casa de Luciana, que está com sua gata doente. Volto logo.

E saiu, apressado, sem levar o auxiliar, como se estivesse fugindo da conversa.

Assim que saiu, entrou uma pessoa com uma gata nos braços. Era Luciana, que a pedido de Bruno, seu irmão, preferiu não esperar por Guilherme em casa e a trouxe para o consultório.

— Olá, Luciana — cumprimentou Cláudia. Não agüentou esperar pelo Guilherme?

— Não é isso. O Bruno é muito estressado e não sossegou enquanto não peguei a Branquinha para trazê-la para ser examinada e tratada. Eu sei que não é grave, mas você sabe como é o Bruno, não é? Ele nunca deixa nada para depois. Mas, deixe-me sentar um pouco. A caminhada me deixou cansada. O doutor está ocupado agora? — perguntou Luciana.

— Ele acabou de sair para atender o senhor Ichimura e depois iria à sua casa. Vou ligar para o seu celular e avisá-lo que você está aqui.

— Diga a ele que não precisa ter pressa. Faz tempo que não conversamos e esta é uma boa oportunidade para pormos nossa conversa em dia.

Concordando com a cabeça e dando um sorriso, Cláudia avisou o veterinário que Luciana estava na clínica.

— Você está de folga hoje do hospital? — perguntou Luciana.

Não, já fui fazer meu plantão e estou dando uma pequena ajuda ao Gu. Ele anda muito atarefado, ultimamente. Hoje trabalhou durante toda a noite na fazenda do senhor Mataveira e está exausto.

— Pelo jeito você gosta também dos bichinhos, não é, Cláudia?

— Sim, adoro os animais, mas não gostaria de ser veterinária. Gosto do que faço no hospital. Admiro os animais por sua natureza e inteligência, principalmente.

— Isso é verdade. São muito inteligentes. A Pretinha, minha outra gata, é demais. Não que a Branquinha não seja também, mas o que aconteceu ontem foi muito interessante e provou o que eu digo. Estávamos eu e o Bruno tomando nosso desjejum, quando Pretinha veio até nós, miando, fortemente, e olhando para a jarra de leite, como que pedindo um pouco de forma insistente. Estranhamos, pois ela não gosta de leite, mesmo assim, peguei uma vasilha e coloquei um pouco para ela no chão. Para minha surpresa, Pretinha saiu correndo e voltou acompanhando Branquinha, como se estivesse amparando-a até se aproximar do leite. Deixou-a beber e ficou observando-a o tempo todo, em silêncio. Parecia que ela estava ali certificando-se de que ela tomaria tudo. Ela estava preocupada com a saúde de Branquinha, que não acordou bem naquela manhã.

— Então o leite era para a outra gatinha? — perguntou Cláudia.

— Exatamente. Ela se preocupou em saber se a Branquinha estava se alimentando adequadamente e pediu o leite. Não é uma gracinha? Bruno ficou tão comovido com a cena que quase chorou. Foi aí que notamos que a Branquinha não estava bem de saúde e resolvemos chamar o doutor. E também percebi como Pretinha é evoluída.

Como estavam na clínica, o assunto de animais se mesclou com os espirituais e voltaram ao assunto de que conversavam antes de Guilherme sair.

— Pois. O Guilherme não entende que os animais sofrem tanto quanto nós e aprendem com o sofrimento. Não é, João? — falou Cláudia, tentando puxar o tímido auxiliar para o assunto.

— Sim, é verdade, O patrão não aceita estes conceitos por acreditar que animais somente existem para nos servir e servir aos seus próprios instintos — respondeu João Rubens, timidamente. Mas, aos poucos, acredito que se interessará pelo assunto e os entenderá melhor O tema é muito vasto e complexo. O maior problema é a falta de material para estudos. Existe somente o contato com eles e as explicações dadas por mentores espirituais para conseguirmos um pequeno acesso às informações mais profundas. Ontem, digo, hoje de madrugada, quando fomos atender Paloma, lá no sítio do senhor Mataveira, pude presenciar as equipes espirituais trabalhando conosco para salvar o filhote dela, a Palominha, e desligar a sua mãe dos envoltórios físicos para que passasse para a outra dimensão sem traumas.

João Rubens tinha uma mediunidade muito evidenciada.

— A equipe numerosa teve pouco trabalho com Paloma, que colaborou com eles, facilitando tudo. Pude notar quando ela se soltou das amarras e saiu de seu estado de semisonolência para o outro em que inclusive tinha uma aparência bem mais jovem e vivaz. Saiu em um galope em direção ao pasto, não sem antes fazer um carinho em seu filhote. Havia várias pessoas, mas alguns só observavam como se estivessem ali para aprender como era feito o trabalho que consistia em desativar pontos que serviam como fixação do corpo físico ao corpo espiritual. Enquanto uns aplicavam raios de energia sobre o corpo, outros aplicavam sobre o útero. Parece que estavam fazendo o possível para que Palominha nascesse antes que sua mãe se libertasse totalmente. Foi uma cena

realmente comovente. Difícil foi conter as lágrimas diante de tudo sem que o doutor notasse.

— Não é fácil para você ter um padrão excessivamente racional, sendo você o outro extremo em termos de sensibilidade. Você consegue vislumbrar o mundo espiritual, mas não pode compartilhar com ele o que pode captar da espiritualidade — falou Luciana.

— Eu sei que o padrão se importa com o que se passa com os animais, e sei também que ele é sensível ao sofrimento dos nossos irmãos, mas ele prefere manter esta aparência indiferente por simples questão profissional. Ele acredita que se demonstrar esses sentimentos, estará se expondo. Por isso, as esconde, das pessoas e talvez até de si mesmo, algumas vezes. Tenho certeza de que ele tem interesse por assuntos espirituais, mas não quer se abrir.

Após algum tempo de conversa, o telefone toca. Era Guilherme, avisando que já terminara a consulta no sítio do senhor Ichimura, e já estava voltando para atender a gata Branquinha, da Luciana.

O sítio é um tanto retirado da cidade e para chegar até lá é necessário passar pelo mesmo canal onde Guilherme encontrou Bons. Sempre que passa por ali, ele revive a cena do resgate do cão, que é hoje seu companheiro, e se comove com essas lembranças.

Guilherme vai dirigindo, apressado, para não deixar Luciana esperando por muito tempo no consultório. Enquanto isso, Bons, deixando sua depressão momentânea por causa da reprimenda que recebeu de seu dono, passou a se comportar de modo estranho, ficando um tanto agitado e inquieto. De um momento para outro, Bons ficou ansioso e angustiado como se algo o estivesse ameaçando. Dona Elza não podia ver o que era e não podia entender o que estava ocorrendo e provocando esta transformação em Bons, que não parecia o mesmo. Ele fixava o olhar em alguma coisa, mas não poderia, pois era cego.

Repentinamente, começa a rosnar e a mostrar seus caninos ameaçadores, enquanto continuava a fixar o olhar em algum ponto no horizonte. Parecia que ele estava mesmo vendo algo. Dona Elza aproximou-se dele e tentou tocá-lo, e conversar com ele para acalmá-lo, mas, como se estivesse hipnotizado, não deu atenção à voz da mãe de Guilherme, que o chamava sem ser ouvida. Quando ela

o tocou no dorso para tentar acalmá-lo com carícias, Bons deu um salto, como se estivesse querendo se defender ou atacar alguém. Dona Elza assustou-se, pensando que ele queria atacá-la, por isso correu para dentro de casa e trancou a porta da cozinha, isolando-se do animal que estava transformado. Parecia um animal raivoso com a aparência alterada como nunca antes havia visto.

Observava-o através da janela, temerosa por um ataque, e notou que continuava rosnando insistentemente para algo ou alguém que somente ele poderia ver. Dona Elza estava achando que o cão havia enlouquecido e não queria ficar sozinha com aquele perigo, por isso ligou para o consultório, mas seu filho não estava. Tentou ligar para o celular, mas não tinha sinal algum, então, pediu à Cláudia que lhe avisasse sobre Bons e lhe pedisse que voltasse para casa o mais rapidamente possível.

Naquele instante, Guilherme voltava pela estrada que cortava por entre a enorme plantação de cana. Eram quilômetros e quilômetros de cana. Repentinamente, ouviu-se um estrondo e Guilherme quase perde o controle de seu veículo, que derrapou e quase entrou no canavial. O susto foi grande, mas nada sofreu.

— O que aconteceu? — pensou Guilherme.

Pálido de susto e com o coração disparado com aquele acidente que poderia ter sido mais grave, se não fosse por sua perícia no volante, Guilherme parou e deu um grande suspiro de alívio por estar bem. Permaneceu imóvel dentro de seu veículo por algum tempo, tentando se recuperar do susto, e em alguns minutos se refez. Ainda trêmulo e com a respiração ofegante, desceu do veículo para verificar o que acontecera, e qual era a causa daquele som que se assemelhava ao estouro de uma bomba.

Observando ao redor, notou uma tábua com várias pontas de aço perfurantes que, coberta pela poeira da estrada, ficou camuflada. Provavelmente, foi a causa do estouro dos dois pneus dianteiros.

— Que azar! — exclamou Guilherme em pensamento — dois pneus furados, e só tenho um sobressalente. Terei que chamar um guincho para me rebocar. Droga! Agora complicou tudo. Vou atrasar todas as consultas por causa disso.

Nesse instante, em casa, Bons continuava com comportamento cada vez mais estranho, agressivo e fora do normal. Começou a eriçar os pêlos das costas e latir fortemente de forma ameaçadora para alguém ou alguma coisa que dona Elza não podia ver o que era. De repente, a expressão de Bons modificou-se completamente. Parecia um animal selvagem prestes a atacar o inimigo. Com expressões faciais alteradas, partiu em disparada em direção ao muro, batendo fortemente com a cabeça e desmaiando em seguida.

Guilherme, nesse momento, nada sabia sobre Bons. Sua única preocupação era conseguir ajuda para sair dali, daquele deserto de canas. Mas, seu celular não tinha sinal por causa de uma colina que fazia uma barreira à transmissão das ondas. Se quisesse pedir ajuda, teria que caminhar a pé por alguns quilômetros até o topo da colina onde haveria sinal. Enquanto a ajuda não chegasse àquele local, ele estava isolado e desprotegido. Retirando aquela tábua de pregos do caminho e observando os estragos ocorridos por causa do acidente, não notou que surgiam dentre as folhagens dois vultos.

Dois assaltantes se aproximaram de Guilherme, sorrateiramente, quando ele estava distraído. Foram eles que, propositadamente, colocaram o artefato perfurante na estrada, com intenções escusas.

Ao se aproximarem de Guilherme, gritaram, anunciando o assalto. Assustado com mais esta surpresa, quase não podia se mover diante da arma de grosso calibre portada por um dos homens de expressões duras. Estavam com o controle da situação, mas notava-se que eram inexperientes e estavam mais assustados que o próprio assaltado.

Suas mãos tremiam, assim como sua voz, que ordenou a Guilherme que lhes entregasse todo seu dinheiro. Guilherme tentou argumentar, dizendo que tinha poucos valores consigo, mas poderiam ficar com seu celular e seu relógio. Irritados, pois queriam somente o dinheiro, os dois homens gritavam e ameaçavam atirar se não lhes entregasse, o que acreditavam que o médico escondia. O jovem médico se viu em uma situação de grave perigo, pois, realmente, não dispunha de valores monetários consigo, apenas carregava o cheque recebido do senhor Ichimura.

Quando Guilherme lhes ofereceu tal cheque, ficaram ainda mais irritados.

Foi então que um deles desferiu um tapa no rosto do médico, que sangrou, imediatamente.

O medo invadiu seu íntimo, acreditando que seria seu fim. Somente um milagre poderia salvá-lo. Assim acreditava o noivo de Cláudia que não encontrava mais saída para aquela situação de extremo perigo. Sentiu suas faces esquentarem e seus vasos sanguíneos saltarem, produzindo um latejamento em um dos lados de sua cabeça.

Seus olhos tornaram-se injetados como que tomados por uma conjuntivite súbita. Seus instintos de defesa foram acionados e altas quantidades de adrenalina corriam pelas veias do doutor.

Estava pronto a reagir contra os assaltantes, pois acreditava que não iriam poupá-lo. Quando estava pronto a pular sobre seu oponente, para tentar desarmá-lo, ouviu um som que vinha por trás de seu automóvel. Parecia o rosnado de um animal selvagem.

— Só me faltava essa — pensou Guilherme — além de ser assaltado, também ser ameaçado por uma fera do mato.

Mas, para sua surpresa, não era uma fera do mato, mas um conhecido seu que surgiu, não se sabe de onde, e rosnava feito um urso, produzindo um som assustador. Não era somente o rosnado que assustava, seu rosto também era assustador. Grandes olhos amarelos fixos nos do assaltante armado. Um forte latido de aviso e partia como um touro espalhando poeira atrás de si.

Correu como uma fera enlouquecida para cima dos bandidos e sua intenção era realmente fazer estragos nos larápios. Instintivamente, o assaltante desviou sua arma, que estava apontada para o doutor, e disparou contra aquele animal peludo com pêlos eriçados no dorso.

Quatro tiros e nenhum sinal de que o animal fosse desistir do ataque. Aproximou-se tão rápido que não deixou tempo hábil para que o homem de seus trinta anos e rosto cheio de cicatrizes evitasse o ataque daquele animal feroz. Um salto sobre o assaltante e um grito de terror foi ouvido, O bandido, assustado atrapalhou-se e escorregou.

Tentou fugir e tropeçou, ferindo-se no peito e no rosto. Seu comparsa; notando o perigo, fugiu entre a plantação, abandonando o companheiro que ficou

por sua própria conta.

O ladrão, ainda armado, disparou mais dois tiros e a fera continuava a atacá-lo, com agressividade. Acreditou que o animal fosse indestrutível, pois seus tiros pareciam ineficazes. Não podia errar daquela distância. Mirou entre os olhos, mas percebeu o projétil ricocheteando em uma rocha, à beira da estrada. Enfim, o animal bravo, que surgiu como um fantasma, sentiu-se satisfeito, pois seu contendor desistiu de tentar se defender, e fugiu, levando consigo a arma que mostrou-se inútil contra aquela fera terrível de olhar penetrante como, de uma águia que localizava sua presa.

O assaltante, amedrontado, fugiu aos gritos pelo mesmo local de onde saíram, sem deixar vestígios. Repentinamente, um silêncio se fez presente. Não havia mais sinal dos bandidos. Guilherme somente conseguia ouvir as batidas de seu coração, que disparou ante esta ação inesperada de um animal que surgiu para salvá-lo, talvez da morte certa.

Após quase um minuto de silêncio total, Guilherme recobra o seu equilíbrio e se deparou com algo quase incrível e que seus olhos custavam a acreditar.

— Bons? — pergunta Guilherme a si mesmo — Bons? É você, amigão? — chamou em voz alta. — Vem aqui, quero te abraçá-lo.

Mas Bons permaneceu parado, olhando fixo nos olhos do doutor, e apenas abanou a cauda enquanto um sorriso se desenhava em seus lábios caninos. E como Bons não se aproximou, Guilherme encaminhou-se a ele, perguntando:

— Como você chegou aqui, tão longe de casa? Como você consegue enxergar? Como poderia ter se curado?

Guilherme parecia confuso com o que via, mas continuou caminhando em direção ao amigo.

— Devo estar tendo ilusões, pois você não tinha olhos e agora seus olhos estão perfeitos. Deixe-me abraçá-lo...

Antes que pudesse terminar a frase, Bons diafanizou-se e desapareceu diante de seus olhos, como um fantasma. O céptico doutor ficou pálido mais com esta surpresa do que esteve durante o assalto. Aquela situação inesperada o abalou, provocando-lhe tonturas, e quase desmaiou.

Apoiando-se no pára-lama do seu automóvel, evitou a queda e recompôs-se.

Parou um instante para tentar entender o que aconteceu, mas nenhuma explicação lógica lhe ocorria, exceto que estava excessivamente exausto e criou toda aquela cena ilusória mentalmente em função também do susto com o estouro dos pneus.

— Foi apenas uma ilusão — pensou Guilherme. Não houve assaltante, nem Bons. Foi só minha imaginação. Preciso descansar. Tenho certeza que se eu parar um pouco, este mal-estar passará e irei rir desta situação imaginária. Mas, como farei para sair daqui? Posso ficar o dia todo aqui sem que passe alguém. Terei mesmo que andar até o alto daquele morro ali na frente e fazer com que o celular funcione.

Mal acabava de ter estes pensamentos, ouviu o Som de um veículo se aproximando. Era Cláudia, que vinha surgindo na estrada poeirenta, seguida de uma nuvem de terra que se elevava por trás. Ao notar o automóvel naquela posição atravessada na estrada, Cláudia temia por algum acidente. Estacionou seu veículo e veio em sua direção e o abraçou, perguntando:

— Está tudo bem com você? Você se machucou?

Guilherme, ainda atordoado pelo susto e pela seqüência de fatos estranhos, tentou responder:

— Acho que quando estouraram os pneus, devo ter batido com a cabeça e tive alucinações, mas já passou. Ainda bem que você veio, pois com os dois pneus furados e com o celular sem sinal, eu não poderia sair daqui. Como você soube que eu precisava de ajuda? — perguntou Guilherme.

— Eu não sabia — respondeu Cláudia —, mas algo me dizia para encontrá-lo no caminho da fazenda do senhor Ichimura. Não sei explicar o que me motivou, mas aqui estou, afinal. Tente colocar seu carro em uma posição melhor e deixe-o aí. Depois o buscaremos. Precisamos ir para sua casa.

Sua mãe o está procurando.

— Aconteceu algo com a minha mãe? — perguntou o rapaz, preocupado com a saúde da mãe. Ela está bem?

— Calma. Não é sua mãe, é o Bons. Ele não está bem.

— Bons!? Vamos indo, então. Ligarei do caminho para o mecânico para que venha buscar o automóvel e o conserte.

Entraram no automóvel de Cláudia e dirigiram-se para a cidade, indo à casa de Guilherme para verificar o que estava ocorrendo com Bons.

Ao chegarem, encontraram Luciana esperando ao lado da mãe de Guilherme, com sua gata nos braços. Luciana também estava preocupada com o paradeiro do médico e com a saúde de Bons, pois também havia ajudado a cuidar do Bons quando foi achado, ainda filhote.

Ao entrarem, Guilherme cumprimentou Luciana e foi ao encontro do amigo Bons, que estava ainda inconsciente, em consequência da batida na cabeça.

Imediatamente, pegou a valise onde estavam seus instrumentos médicos, começou a examiná-lo e aplicou medicamentos, tentando reanimá-lo. Sem saber o que houve, perguntou à sua mãe o que aconteceu durante sua ausência. Ela explicou que ele se tornou agressivo e correu de encontro à parede.

— Quanto tempo faz que isso aconteceu? — perguntou o filho.

— Faz, mais ou menos, quarenta minutos, Ele estava bem e, de repente, transformou-se. Parecia um louco. Lutava com um inimigo imaginário. Arrepiava-se e rosnava.

Nem parecia o nosso pacato Bons. Ele estava estranho, mas eu fiquei mais assustada quando ele saiu correndo e bateu com a cabeça no muro do quintal. Pobre cão cego! — falou a mãe, já com lágrimas nos olhos, penalizada, pelo estado de saúde de seu cão.

Guilherme ouviu o relato de sua mãe e engoliu em seco, pois pensamentos estranhos estavam lhe ocorrendo, e começou a suar muito. Parecia estar nervoso e ansioso com alguma coisa que não queria revelar.

O pequeno cão cego, rapidamente, voltou à consciência, reconheceu seu dono e deu-lhe uma lambida nas mãos. Guilherme, mais tranquilo, pega seu amigo, com muito cuidado, carrega-o para dentro de casa e o acomoda em cima do sofá da sala entre duas grandes almofadas macias. Estando medicado e mais consciente, Guilherme o deixa por uns instantes, enquanto aproveitava a presença de Luciana para examinar sua gatinha, que também não estava passando bem. Receitou um antibiótico e um antiinflamatório e recomendou-lhe a ela que evitasse deixá-la receber correntes de vento.

— Ela está com faringite, mas logo estará bem. Não se preocupe.

Luciana, curiosa, quis saber de Guilherme a respeito do seu sumiço durante a manhã. Guilherme respondeu:

— Uma coisa estranha me aconteceu e, agora, sabendo, o ocorrido com o Bons, sinto-me confuso. Não sei explicar com palavras o que houve. Não sei dizer se foi real ou imaginário, mas, de qualquer modo ocorreu algo muito intrigante e até mesmo eu, que sou conhecido por minha racionalidade, senti tremer as bases de meus conceitos e das minhas convicções. Estou a ponto de admitir que algo sobrenatural aconteceu comigo, hoje à caminho da cidade — disse o doutor, como se estivesse revendo, mentalmente, todas aquelas cenas de agressão e de surgimento de seu salvador.

Luciana estava muito curiosa para saber o que aconteceu e, não se contendo de ansiedade, falou, intempestivamente:

— Pare de enrolar e diga logo o que aconteceu Estamos curiosas.

Pois bem! Aconteceu que no mesmo instante em que Bons estava tendo algum tipo de alucinação aqui em casa, eu também estava tendo na estrada, após bater com a cabeça quando os pneus da caminhonete estouraram — explicou Guilherme, no seu modo de entender.

A mãe de Guilherme ouviu tudo atentamente e, preocupada, perguntou:

— Será que foi o bolo que eu fiz que lhe fez mal? Será que causa alucinações? Você deu um pedaço para o Bons, que eu vi.

— Calma, mãe. Não foi o seu bolo, que, aliás, estava uma delícia. Foi algo que não sei explicar apesar de que deve haver uma lógica para tudo isso. Minha razão não encontra uma explicação, mas, com certeza, deve haver uma.

Então dona Elza, ingênua, dá um suspiro de alívio.

Luciana olhou para Cláudia, fez um sinal com a cabeça e deu uma piscadela para sua amiga, que entendeu o que ela estava tentando dizer. Luciana deu a entender que deveria ser Cláudia a dar as explicações para o fato.

Cláudia, entendendo o sinal, começa a falar olhando para Guilherme. Ela sabia que o cepticismo do noivo dificultaria um pouco o entendimento do que estava pronta a dizer, mas, mesmo assim, falou:

O que aconteceu, provavelmente foi o seguinte: Bons e Gu são muito ligados. Isso não há como negar. O sentimento entre você e Bons é mútuo e

recíproco, por isso quando você bronqueou com ele, Bons passou a ficar mais ligado ainda mentalmente em você, à espera de seu retorno para poder desculpar-se a seu modo. Assim, muito ligados mentalmente, ele o seguia em pensamentos e, como estava absorto em seu estado de depressão temporária, manteve-se neste estado, sentindo como se estivesse com você naquele momento do acidente — explicou Cláudia.

No entanto, Guilherme estava relutante em mencionar o que realmente aconteceu, para não passar por maluco, e disse:

— Há algo que não quis mencionar para que não me julgassem mal. No mesmo instante em que Bons estava aparentemente atacando um inimigo imaginário, eu estava, talvez, não tenho certeza, sendo assaltado na estrada e...

A mãe de Guilherme ficou pálida com o que ouvia. Ela sempre teve medo que algo assim acontecesse nas estradas desertas da cidade. Guilherme a acalmou e continuou:

— No momento em que eu achava que não havia mais o que fazer, exceto tentar-me defender, Bons surgiu do nada em minha presença e lutou com os bandidos, livrando-me de uma agressão ou coisa pior. De início, achei que fosse alucinação, mas a seqüência de ações que minha mãe narrou sobre o que aconteceu com Bons coincide com a mesma seqüência de ações que aconteceram comigo — explicou Guilherme, confuso.

Ao término da explicação quem não estava passando bem era Guilherme, que sentiu um mal-estar ao lembrar-se do perigo que passou.

Preciso sentar-me. Estou um pouco atordoado. Falou

Guilherme, enquanto procurava sentar-se no sofá ao lado de Bons para relaxar um pouco sua tensão.

— Será que o que vocês dizem sobre a consciência dos animais pode ser verdade?

Cláudia, percebendo que Guilherme estava confuso, tentou explicar melhor o que houve para que ele percebesse que o que ocorreu não era algo tão inexplicável como ele imaginava.

— Guilherme, como eu disse, Bons estava ligado a você mentalmente, por isso foi capaz de captar o perigo, mesmo antes de você, que estava preocupado

com suas consultas.

Ele foi capaz de perceber o perigo e se antecipar, instintivamente, até mesmo antes do estouro dos pneus e ao surgimento dos malfeitores. O desejo de protegê-lo era tão grande que Bons conseguiu materializar-se através de algum mecanismo que não posso explicar ainda, mas pesquisarei a respeito. Desta forma, ele foi capaz de afugentar os ladrões que, provavelmente, imaginaram que estavam diante de um cão fantasma, já que Bons não estava ali, fisicamente. Eu fico imaginando o susto que os bandidos levaram quando viram um fantasma — falou Cláudia, rindo de sua última observação.

— Incrível! Meu cão é um paranormal. É um cão com poderes sobrenaturais.

— Não! — corrigiu Luciana, que prestava atenção às explicações e às palavras de Guilherme — O que ocorreu com Bons não é sobrenatural. Foi algo natural e Bons é um cão totalmente normal. Isso que você presenciou é algo que poderia ocorrer com qualquer um, porque não foge às leis da natureza. É certo que é algo que não acontece todos os dias, mas é totalmente normal. Deus faz tudo perfeito e não teria uma falha sequer em sua criação, por isso, nada do que ocorre pode ser considerado sobrenatural.

Pode estar acima de nossa capacidade de explicar ou de entender, pois não sabemos de tudo ainda, mas, com certeza, não é sobrenatural.

Enquanto conversavam, o celular de Guilherme tocou. Era João avisando que havia uma emergência na clínica. Despedindo-se de Luciana, partiram, Guilherme e Cláudia, para o consultório veterinário.

Após atender a consulta de urgência que o aguardava e depois de atender todas as outras pendentes, o médico retornou ao lar, ainda abalado pela experiência que havia passado.

Exausto sentou-se diante da televisão para relaxar um pouco aquela tensão que tornava seus músculos rígidos. Tentou esquecer, assistindo algo divertido. Enquanto isso, Bons se aproximou, devagar, e tocou com o focinho a sua mão esquerda, que pendia para fora do sofá. Ele estava se desculpando por sujar suas roupas, pela manhã.

Guilherme, sentindo o toque amável de seu amigo, pegou-o carinhosamente,

e o abraçou. Aquela experiência, fora da rotina, provocava reações e mudanças íntimas no médico. Ele estava deixando de ser aquela pessoa dura que sempre foi, ao menos externamente, e tentava deixar transparecer os sentimentos reprimidos. Era carinhoso, mas não conseguia demonstrar. Era compassivo, mas não queria que soubessem.

Bons sorriu para seu dono, que aceitou seu pedido de desculpas. Sentindo que estava tudo bem entre eles, então passou a lambê-lo o rosto, enquanto abanava a cauda.

Aconchegando-se ao lado de seu amigo, recostou sua cabeça e, abraçado por ele, ambos adormeceram; após um dia difícil para os dois.

Dona Elza não quis acordá-los até terminar o jantar por isso desligou a televisão e os deixou dormindo na penumbra daquela sala de decoração simples, mas de bom gosto. A cabeça de Guilherme pendeu para o lado. Estava já em sono profundo e começou a se desligar do corpo físico para dirigir-se à colônia astral Rancho Alegre, em espírito liberto, temporariamente, do fardo físico.

Tão rápido quanto o pensamento, surgiu em frente aos grandes portões da colônia. Era como se tivesse sido levado para ali em uma velocidade inimaginável. Quando menos esperava, apareceu ao seu lado o senhor Gustavo.

— Bem-vindo novamente ao nosso humilde lar, jovem doutor! — disse o velho amigo, com voz paternal.

— Olá! — cumprimentou Guilherme, alegre por reencontrá-lo.

— Você está mais calmo depois do susto que passou hoje? — perguntou Gustavo.

— Estou melhor, obrigado — respondeu. Mas, como já sabia? Vocês podem saber o que acontece comigo, daqui? — perguntou, curioso.

— Sim, é claro. Você foi aceito em nossa colônia como futuro colaborador, então uma equipe maior o está acompanhando para ensinar-lhe algo mais do que o que você já estava aprendendo conduziu até aqui.

— Uma equipe maior? Como assim? Eu nem sabia que havia alguma equipe que me acompanhava.

Sim, uma equipe maior o acompanhará. Desde que você ingressou na faculdade de medicina veterinária, você se tornou um dos nossos colaboradores,

por isso foi designado para você um mentor. Em contrapartida, somos seus colaboradores também. Nossa equipe, que o acompanhará agora, é composta por três pessoas que o auxiliarão em seu dia-a-dia na clínica. A partir de agora, você, não somente terá a presença da equipe durante a vigília, mas também durante a noite, quando seu corpo repousa. Agora, você participará de aulas mais aplicadas aqui na colônia, e não só no consultório, como foi até hoje.

— Mas não me lembro de ter aprendido algo com meu mentor. Será que o que eu aprendi foi perdido?

— Não se preocupe. Tudo o que você aprendeu está guarda do em algum dos seus níveis de consciência, e todas as informações que você á recebeu serão afloradas quando chegar o momento certo. Os professores que o acompanharão de agora em diante serão a senhora Vivian, a mais experiente; a senhora Ana e a senhora Neuza. Até aqui elas se limitavam a auxiliá-lo eventualmente em consultas e cirurgias, a pedido de seu mentor, mas, agora, serão suas orientadoras, juntamente com outros que deverão ministrarlhe aulas práticas e teóricas.

— Eu conheço todas as técnicas cirúrgicas e conheço os métodos semiológicos. Considero-me um bom médico. Acho que eles tinham muito o que fazer — falou Guilherme, com um certo laivo de arrogância.

— Vejo que você ainda precisa amadurecer um pouco antes das aulas. Mas vou dizer o que elas faziam. Muitas vezes, quando quadro clínico é confuso e exige maiores observações para se chegar a um diagnóstico e prognóstico, nós analisamos do nosso ponto de vista, ou já os temos de antemão. Nós o intuímos a usar este ou aquele procedimento, a fim de que você encontre por si mesmo a solução. Outras vezes, mesmo tendo resultados laboratoriais em mãos, se você não chega a uma conclusão, neste caso nós lhe passamos mentalmente o nosso parecer e você chega à conclusão. Nosso auxílio chega até você em forma de pensamento, que você acaba acreditando que sejam somente seus e que conseguiu tudo sozinho. Como você precisa resolver os problemas por si só. Raramente lançamos mão deste último método, pois este tipo de intervenção somente ocorre em momentos de maior necessidade Na maior parte do tempo, é por sua conta. Nas cirurgias, o auxílio é em relação às anestésias e ao controle de

hemorragias.

Agimos sobre o sistema nervoso do paciente, a fim de que, com reduzidas quantidades de anestésicos, o animal se torne sedado. Se o animal for mais sensível, fazemos com que os efeitos dos anestésicos sejam atenuados para diminuir os riscos, inclusive com os excessos. Agindo sobre o sistema de coagulação sangüínea, ajudamos a minimizar as perdas de sangue, por meio de descargas eletromagnéticas que cauterizam vasos abertos e aceleram o processo de coagulação através de uma maior atração entre as plaquetas, que aglutinam mais facilmente. Parte destas energias eletromagnéticas é emprestada do seu corpo físico sem que você saiba, canalizadas através de suas mãos. Você se lembra da Doroti, aquela cadelinha de dona Luzia, que esteve internada para retirada de um câncer no útero? Pois bem. Você se lembra de como ela se recuperou, rapidamente, após a cirurgia, apesar da perda sangüínea? Nós, com auxílio do ectoplasma que você possui, criamos um tamponamento das feridas que não queriam cicatrizar e acomodamos o epíplon, aquela estrutura que se assemelha a uma rede de pescar que recobre as vísceras sobre o ferimento, fazendo com que ele agisse como se fosse um tipo de compressa hemostático natural. A hemorragia cessou rapidamente, graças a nós daqui e a você de lá, com sua vontade de salvar a vida da pequena Doroti — concluiu Gustavo.

— Então, nunca estamos sozinhos? Sempre há alguém ao nosso lado para que os animais que atendemos se recuperem bem? — perguntou Guilherme, com um misto de curiosidade e orgulho ferido.

— Sim — respondeu Gustavo. Mas, nem todos os animais que vocês atendem devem sobreviver, pois cada qual tem seu roteiro de aprendizado, e, ao final de algum estágio, é necessário iniciar outro. E para atravessar para a fase seguinte, é necessário passar pela experiência da desencarnação. As situações onde haja sofrimento fazem parte de seu aprendizado ou de seus donos. Nisto não podemos interferir — falou Gustavo, com olhar paternal.

— Já que estamos neste assunto, eu gostaria de saber porque o Bons ficou cego e o abandonaram para morrer na beira da estrada — perguntou o médico.

— Bons é o Bob reencarnado. Bob era aquele Malamute do Alasca que estava sob seus cuidados quando você ainda era apenas uma criança.

— Sim, lembro-me bem de Bob, com seus grandes olhos azuis e longos pêlos cinzas e brancos. Era um filhote eterno, sempre brincalhão. Eu adorava o Bob. Quem não gostava muito das suas peripécias era a minha mãe, pois ele estava sempre destruindo alguma coisa e principalmente as roupas que ela deixava no varal. Mas, as lembranças que tenho dele não são boas, pois sempre quando me lembro da imagem dele, sem vida, ainda me choco um pouco. Eu nunca soube o que realmente aconteceu e sempre que tocava no assunto, minha mãe procurava falar de outra coisa, desviando-se da questão central. Jamais quis insistir, pois acreditava que tudo tivesse causado algum trauma, por ter sido ela e meu pai a encontrá-lo primeiro — falou Guilherme.

— Deixemos este assunto para depois. Agora, eu gostaria de dizer o quanto nossa equipe trabalhou para evitar que algo mais grave acontecesse com você, hoje, pelas mãos de assassinos, com a ajuda de nosso amigo Bob — comentou Gustavo. Como dissemos, nossas três companheiras estão sempre acompanhando-o, e quando você se encaminhava para a propriedade do senhor Ichimura, uma de nossas amigas captou ondas de pensamentos que chamaram sua atenção. Eram dois homens armados que planejavam assaltar pessoas que transitassem por aquela estrada deserta. Imediatamente, a senhora Ana, da equipe médica que o acompanha, contatou a equipe de segurança para que enviasse auxílio, a fim de evitar que os senhores malintencionados levassem a termo seu plano. De acordo com a equipe de segurança, não passaria outro veículo por ali, exceto o seu, durante seu retorno à cidade. Ficaram de plantão, observando os dois homens que eram acompanhados por entidades carregadas de energias muito pesadas. Eram entidades trevosas que os intuía a fazer o mal, com o qual se divertiam. Nossa equipe materializou-se aos malfeitores desencarnados que, acreditando estar diante de fantasmas, fugiram, assustados, deixando os malfeitores encarnados à sua própria sorte. Por isso, tornaram-se inseguros e cogitaram abandonar o projeto; mas, um deles, muito atrasado evolutivamente no sentido do aprendizado espiritual, insistiu no intento, Mesmo amedrontados, persistiram. A adrenalina percorria-lhes o corpo, pois o temor era muito grande. A vítima poderia estar armada, também. Estavam temerosos, mas, prosseguiram, colocando, uma tábua com pregos longos escondida sob a poeira

da estrada e as folhas, dificultando ser vista por algum motorista, mesmo que fosse muito observador. Quando você passou com seu veículo sobre a tábua de pregos, os pneus estouraram e você se viu obrigado a parar, bruscamente. Enquanto você estava se recompondo, vieram, sorrateiros, por trás, para surpreendê-lo.

Antes que você chegasse e fosse subjugado, nossa equipe aplicou-lhes uma certa quantidade de energias que sobrecarregaram seus sistemas nervoso e circulatório, causando fortes dores de cabeça e cólicas intestinais que os incomodavam muito. Acreditaram que foi por causa de umas coisas que comeram na cidade. Precisávamos da ajuda de alguém que os assustasse, não temesse o perigo e que estivesse disposto a enfrentá-los. Bons, era a primeira escolha. Bons, que estava em sua casa, pôde acompanhar tudo o quanto ocorria, através de uma tela mental que criamos. Para Bob, aliás, Bons, a ação ocorreu em tempo real, pois, ele estava presente, ainda que somente em espírito. Os dois homens tinham energias densas abundantes, suficientes para produzir a materialização de Bons, mas ele não aceitou dormir, apesar de toda energia calmante que aplicamos nele, por estar preocupado com sua segurança. No entanto, exaltado, acidentou-se de encontro ao muro. Ele nada sofreu, pois nossa equipe aplicou-lhe analgésicos. Inconsciente, desdobrou-se até onde você estava e recebeu ectoplasma emprestado dos malfeitores. Materializado, Bob conseguiu afugentá-los e salvar o dia. Enquanto isso, nossa equipe médica enviou uma mensagem ao mentor espiritual de Cláudia, que, entendendo do que se tratava, a intuiu a sair à sua procura, a fim de auxiliá-lo em seu retorno em segurança — concluiu Gustavo.

— Puxa! Vocês estão atentos a tudo, hein! — comentou Guilherme.

— Não é bem assim. Nós trabalhamos em atividades relacionadas aos animais. As outras equipes com funções gerais são de colônias que trabalham paralelamente à nossa, visando o ser humano. Neste caso, você. Por isso, foi pedida à outra colônia uma equipe de segurança, que se incumbiu de afugentar os agentes das trevas e provocar mal-estar nas pessoas que tentaram assaltá-lo.

O MALAMUTE

Enquanto Gustavo falava, surgiu, cabisbaixo, alguém, que se aproximou timidamente dos dois. Era um senhor de cabelos grisalhos, alto e com o rosto vincado pela idade avançada. Parecia ter cerca de oitenta anos. Ao aproximar-se dos interlocutores, permaneceu ainda cabisbaixo, enquanto dirigia a palavra a Gustavo:

— Senhor Gustavo, perdoe-me a interrupção desculpouse, humildemente.

Pois não, senhor Benati respondeu Gustavo. Guilherme arregalou os olhos. Mal podia acreditar no que via. Era seu pai, falecido há alguns anos. Parecia tão mais velho do que era quando o viu pela ultima vez!

— Será que continuamos a envelhecer após a morte, será que envelhecemos mais rápido por aqui? — perguntou-se Guilherme.

— Eu poderia conversar com Guilherme, mesmo que por alguns segundos? — perguntou o senhor de aparência envelhecida.

— Muito bem! Fiquem à vontade. Eu os deixarei a sós e, posteriormente, voltaremos à nossa conversa — disse Gustavo, decidido, e desapareceu diante de Guilherme, em uma fração de segundo.

Aquele senhor de aparência humilde, com roupas simples, atitudes tímidas e de voz muito baixa, deu um grande suspiro, como que para adquirir mais força, ergueu a cabeça de forma lenta e insegura, expondo seu rosto, que Guilherme reconheceu como sendo mesmo o de seu pai, mas não teve coragem de encará-lo. Guilherme deu um salto e abraçou-o, ternamente, sem dizer uma palavra. Lágrimas rolaram dos olhos de ambos e assim permaneceram por algum tempo, como se imaginassem não poderem se abraçar novamente.

Então, Guilherme disse:

— Que saudade, pai. Finalmente o encontro. Mas, por que esta aparência tão deprimida e envelhecida? Por que fica desviando o olhar e não olha para mim? Não sente saudade também? — perguntou Guilherme, triste pela atitude distante do pai.

— Não sou digno de olhá-lo nos olhos, filho! Estou aqui para pedir-lhe que me perdoe pelo que fizemos — disse o senhor Benati.

— Mas perdoar por quê? O que o senhor poderia ter feito para que necessite de perdão? Você só me deu alegria e me criou com o maior carinho — falou o filho ao pai.

— Não se iluda com isso, filho. Sou um criminoso e estou aqui nesta colônia para me redimir através do trabalho. Estou aqui por minha vontade de me recuperar da culpa que me corrói por dentro.

— Que crime poderia ter cometido? Você sempre foi uma pessoa notável e ótimo pai. Não diga tal inverdade.

— Sou o responsável pela morte dolorosa de Bob. Com remorso, até hoje me puno pelo mal que cometi a você e ao pobre cão inocente. A consciência pesada foi a causa do surgimento do mal que me consumiu os pulmões, destruindome a saúde e minha energia vital junto com meu corpo físico. Sofro muito com as lembranças, por isso tenho esta aparência envelhecida. Preciso que me perdoe, senão ficarei eternamente me martirizando. Perdoe-me, filho. Perdoe-me! — implorou Benati ao filho. Não acredito que vocês tenham tomado parte na morte de Bob, pois sei que você e mamãe também o amavam. Não é assim? — perguntou ao pai, que respondeu com a voz embargada e com os olhos inundados de lágrimas. Não, não foi assim. Apenas o tolerávamos por sua causa. Seus uivos agudos incomodavam, seus latidos incessantes tiravam o sossego, suas travessuras tiravam-me o equilíbrio, eu não suportava mais a presença daquele animal em casa. Resolvi envenená-lo e, quando fosse de manhã, o encontraríamos já morto e diria a você que ele morreu de algum mal súbito. Infelizmente; Bob era muito resistente e a dose de veneno que dei não o matou, apenas o intoxicou e o atordoou. Pela ação do veneno, uma dor o maltratava, por isso começou a gemer e a ganir. Aqueles gemidos altos poderiam acordá-los ou chamar a atenção de alguém da vizinhança, por isso dei outra dose mais forte. Ele era muito resistente e não morreu. Eu não sabia, mas os trabalhadores desta colônia faziam o possível para que não morresse e, para tanto, ministravam-lhe medicamentos energéticos capazes de neutralizar as toxinas que lhe dei. A quantidade dada era suficiente para um animal com quatro vezes o seu peso, mas

ele continuava vivo, apesar de estar semiconsciente. Irritado, peguei um objeto pesado que encontrei perto e arremessei contra sua cabeça, acreditando que seria mais rápido assim, mas ele ainda respirava.

Benati pára por um instante para enxugar as lágrimas de arrependimento que rolavam por sua face, para continuar em seguida.

— Tornei a golpear-lhe o crânio, com mais violência. Por fim, decidi embê-lo em gasolina e atear fogo sobre ele.

Dizia isso, enquanto sua voz quase sumia entre soluços e engasgos. A imagem que mais me impressionou e ainda tenho comigo e me consome o espírito foi vê-lo ganindo alto de dor enquanto era consumido pelas chamas.

Seus olhos foram sendo cozidos nas órbitas, até explodirem, espalhando um líquido quente que me atingiu o rosto. Ainda sinto o calor das chamas sobre meu rosto.

Tentei enterrá-lo para que não vissem nada, mas não tive tempo, pois já amanhecia. Sua mãe, quando acordou, me viu ao lado do corpo de Bob, pois não houve tempo para escondê-lo. Ela impressionou-se tanto com o que viu que nunca mais falou comigo até eu sucumbir pela enfermidade que me tomou.

Dizendo isso, ajoelhou-se, colocou as mãos no rosto e chorou alto, implorando perdão. Permaneceu nesta posição algum tempo, quando, repentinamente, ouviu-se longe um latido. Era um cão de grande porte, com longos pêlos cinza, que se aproximava, correndo e saltando alegre.

Era Bob. Ele não tinha marcas ou cicatrizes. Bob vinha trazendo uma bola, que era seu brinquedo favorito. Corria atrás da bola, jogava-a para cima, pegava-a novamente e corria. Estava fazendo gracinhas para chamar a atenção. Ele tinha muito ciúme daquela bola e não deixava ninguém tocála. Mas aproximando-se dos dois, Bob aquietou-se, e deixou cair a pequena bola próxima às mãos do senhor Benati e novamente soltou outro latido, que demonstrava alegria. Como Benati não se mostrava animado em brincar com ele, começou a correr e a pular ao redor do pai de Guilherme. Por fim, encorajado pelo filho, que lhe tocou no ombro, olhou para Bob, que o chamava para brincar com a bola. Benati, diante daquele cão de olhos azuis, não conseguia dizer uma só palavra. Ficou imóvel. Não podia acreditar no que via: Bob o chamou novamente e saltou sobre aquele

senhor de penosa aparência, lambendo-lhe o rosto, a cabeça, as mãos e, novamente, ofereceu-lhe o brinquedo. O senhor Benati, — por fim, pegou a bola e abraçou Bob com grande carinho, o que o animal retribuiu com um uivo rouco de alegria. Guilherme disse, então:

— Pai, o senhor não me deve nada. Não há o que perdoar.

Não se preocupe. Bob, no entanto, o perdoou.

Então, os três se abraçaram, demoradamente, enquanto Bob dava uivos de alegria por estarem juntos novamente.

KAYAMÃ

Passado algum tempo, surge novamente o senhor

Gustavo diante do pai e do filho. O senhor Benati levanta-se e abraça Gustavo, em agradecimento pela oportunidade de desabafar. Podia-se notar rejuvenescimento em sua face. Suas rugas iniciaram um retrocesso e um brilho criou-se ao redor...

— Sinto muito atrapalhar a reunião de família — falou Gustavo, mas o senhor Benati é esperado no pronto-socorro com urgência.

Despedindo-se de todos com abraços, Benati afasta-se em passos acelerados em direção ao rancho, acompanhado por Bob, que brincava e saltava sobre ele, que retribuía acariciando aqueles longos pêlos brilhantes.

— Há um pronto-socorro dentro do rancho? — perguntou Guilherme.

— Sim — respondeu Gustavo. Há vários setores ali dentro e, dentre eles, o hospitalar. O senhor Benati é valoroso trabalhador do setor de queimados. E um dos mais atuantes. Nunca se deixa abater pelo cansaço e trabalha incessantemente. Ele é uma ótima pessoa, mas... — Gustavo fez uma pausa.

— Mas o quê, senhor Gustavo? — perguntou Guilherme.

— Sua consciência não o deixava em paz, pela culpa. Por isso, constantemente, era enviado ao posto de enfermagem para tratamento. Com isso, sua aparência envelheceu muito. Com a conversa que tiveram, ele deve ter conseguido colocar para fora tudo o que lhe fazia mal. E com o perdão de Bob, acredito que tudo se encaminhará ao normal, de agora em diante.

Terminado o que tinha a dizer sobre o senhor Vitor,

Gustavo convidou Guilherme a conhecer a colônia. Caminhando em direção ao portal, novamente o

transpuseram sem dificuldade. Guilherme ficou maravilhado com a beleza daquele ambiente arborizado e tranqüilo. Era uma cidade onde havia casas, ruas e prédios. Muitas pessoas caminhando de um lado para outro. Entrando e saindo dos prédios e casas. Muitas pessoas estavam acompanhadas de animais de

estimação, passeando por ali, despreocupadas. As pessoas passavam com animais de todos os tipos andando naturalmente. Havia também muitos animais que andavam desacompanhados por todos os lugares.

Os prédios eram muito grandes e modernos. As casas eram modestas e davam um aspecto mais rural à paisagem.

Guilherme ficou admirado com a quantidade de prédios.

Gustavo, como se lhe, adivinhasse os pensamentos, disse:

— Cada prédio destes é um setor especializado. São vários setores, que você irá conhecer um a um. Hoje vou lhe mostrar parte do nosso rancho, pois não tem como mostrar tudo de uma só vez, devido à grande extensão de nossas fronteiras. Se pudéssemos compará-lo a alguma extensão conhecida, poderíamos dizer que equivale ao tamanho do estado de Minas Gerais — revelou Gustavo a Guilherme, que se espantou com a informação. No entanto — continuou Gustavo, como sabemos, o tempo e o espaço são conceitos relativos. Por isso, não podemos, na realidade, fazer esta comparação, pois aqui o tempo difere do tempo conhecido na Terra. Aqui, nos movemos com a velocidade do pensamento, isto é, com uma velocidade maior do que a da luz. Isto significa que se formos solicitados do outro lado da colônia, a centenas de quilômetros da entrada onde estamos agora, poderemos chegar lá em uma fração de segundo. Deste modo, nosso rancho torna-se pequeno. Assim como esta, há muitas outras facilidades que temos aqui e que não existem na Terra, as quais tornam o nosso rancho um espaço de pequena extensão. Não posso deslocar-me desta forma em sua companhia porque você ainda não está acostumado a se mover ou a se transportar deste modo. Se tentássemos, poderiam ocorrer acidentes, tais como nos separarmos e você acabar indo para algum lugar indesejado por lhe faltar um certo adestramento disciplinar mental. Outro empecilho são os seus cordões prateados que fazem com que você se mova muito mais lentamente do que nós, que não os temos. Neste caso, é preferível usarmos as esteiras, que podem nos transportar rapidamente a qualquer lugar do rancho, confortavelmente e sem acidentes — explicou o senhor Gustavo.

Andaram um pequeno trecho até chegarem à entrada de um grande prédio.

— Vamos entrando? — convidou Gustavo. Aqui é a nossa recepção. É o

prédio central — falou o anfitrião, chamando-o com um sinal de cabeça.

— Puxa, que grande é este prédio! — exclamou Guilherme, espantando-se com o que via.

Gustavo apenas sorriu e apresentou-lhe as dependências do prédio. Para facilitar a localização e conhecer as dimensões da colônia, Gustavo acionou um dispositivo, que fez surgir um mapa em três dimensões.

— Aqui temos um mapa que nos localiza onde quer que estejamos dentro do perímetro do rancho. Cada trabalhador cadastrado possui uma espécie de ‘crachá’, que transmite um sinal eletromagnético, captado por um comando central. Nesta central, são processadas todas as informações relativas aos pacientes e trabalhadores do Rancho.

Sabendo a localização de cada trabalhador, fica mais fácil contactá-lo, inclusive por pensamento, quando necessário — explicou ao convidado. Estamos aqui — falou, apontando com o dedo indicador uma tela que flutuava no centro da sala. Daqui iremos até o setor de animais silvestres, pois é o setor mais próximo de nós. É um local muito interessante.

— Vamos? — perguntou animadamente a Guilherme, que estava ansioso por conhecer tudo o que pudesse.

Saindo da sala, muito limpa e perfumada, mas com decoração simples e muitos quadros de animais nas paredes brancas, caminharam até o lado de fora do prédio, onde havia uma espécie de estacionamento, e se encontravam vários veículos, compostos basicamente por apenas dois assentos numa cabina pequena, suficiente para acomodar duas pessoas. Aproximando-se de um dos veículos, a cabina se abriu automaticamente, expondo seu interior, que foi rapidamente ocupado por eles.

— Acomode-se e vamos lá — convidou Gustavo. Então, Gustavo pediu a Guilherme que fechasse os olhos por alguns instantes para, quase imediatamente, pedir que, os abrisse.

— Pronto, chegamos! — disse a Guilherme, que não entendeu o que houve.

— Já?! Já chegamos? — perguntou Guilherme, confuso.

— Sim. Aqui é o Setor de resgate de Animais Selvagens — explicou Gustavo.

— Mas, como pode ser? Não levou nem um segundo para chegarmos aqui. Que legal! Da próxima vez eu posso ir de olhos abertos? — brincou Guilherme, que estava encarando tudo como diversão.

— Acho melhor que não permaneça com os olhos abertos enquanto não adquirir o costume de se deslocar com a velocidade do pensamento — respondeu o orientador ao novo aprendiz. O deslocamento deste aparelho se faz em uma velocidade muito alta e, com certeza, você sentirá algum tipo de mal-estar. Talvez tenha enjôo e suje o veículo com seus fluidos gástricos. Se isso acontecer, será desagradável.

— Tudo bem. Eu só estava brincando. Prometo que me comportarei.

Descendo do veículo, encontraram um portal e um cercado que isolava aquela ala do exterior. Entraram ao modo de quem entra no rancho, com uma espécie de desmaterialização temporária do portal que permitiu a entrada de ambos. Ao adentrarem o perímetro deste setor, depararam-se não com prédios, mas com muitas cabanas de palha no estilo indígena. Guilherme perguntou a seu monitor:

— Estas ocas fazem parte da decoração?

— Não, Guilherme — respondeu seu companheiro, rindo da ignorância do amigo. Estas ocas são o setor de animais selvagens, onde trabalham e também moram os colaboradores que atuam aqui.

— Mas, parecem ocas de índios.

— É que os colaboradores deste setor são índios, em sua maioria. Na entrada principal, há os índios da América do Sul, que são responsáveis pelos animais desta parte do continente. Pertencem, às mais variadas tribos que convivem aqui em paz, sem inimizades. Auxiliam-se num propósito comum, que é o equilíbrio ecológico da região.

Mais adiante — apontou com o dedo indicador — encontram-se indígenas norte-americanos, que são responsáveis pelos animais do Norte do continente e do continente Central desde o Panamá. Se notar, mais à frente, verá habitações feitas de peles de animais. São os mongóis. Ali são os indianos. Acolá estão os chineses. E, logo depois dos chineses, estão os africanos e, australianos. Aquelas habitações feitas de um material que lembra gelo são dos esquimós. Eles são os

responsáveis por animais das regiões árticas e antárticas. Estas últimas são compostas por riquíssima fauna, que vive sob as águas geladas destas regiões.

Guilherme observou que as dimensões do setor eram reduzidas.

Como poderiam controlar toda a fauna silvestre do planeta a partir deste pequeno espaço com construções rústicas? — pensou Guilherme.

Gustavo respondeu, mesmo antes que, perguntasse a respeito:

— Não se impressione com as proporções reduzidas deste setor. Ele é maior do que parece.

— É! Engana mesmo, pois não entendo como pode ser maior brincou Guilherme.

— Então, siga-me e lhe mostrarei o real tamanho dele. Caminharam em direção a uma das ocas feitas de palhas secas. Ao se aproximarem, encontraram um senhor que saiu de dentro de um destes alojamentos. Ele tinha metade da cabeça raspada e um graveto espetado no lábio inferior. Sua pele era escura e seu rosto era pintado, formando figuras como se tivesse sido tatuadas. Suas vestimentas rústicas cobriam apenas uma pequena parte do corpo. Era Kayamã, um indígena que viveu nas florestas da Amazônia quando encarnado, e agora era um dos colaboradores da colônia.

— Senhor Kayamã — cumprimentou Gustavo, com um aperto de mãos.

— Senhor Gustavo — cumprimentou o indígena com um forte abraço após o aperto de mão. — Gostaria de lhe apresentar o senhor Guilherme. Ele o acompanhará nos trabalhos, por algum tempo, como estagiário. Espero que ele consiga aprender com o senhor ao menos o suficiente para passar à próxima etapa. Sabemos que não é fácil acompanhá-lo, pois reconhecemos que sua sabedoria é muito extensa; mas, como Guilherme é muito esforçado, talvez consiga aproveitar algo falou Gustavo a Kayamã.

— Bondade sua, senhor Gustavo, pois o que sei não é nada comparado ao conhecimento dos outros trabalhadores de nossa colônia. Por favor, não me superestime.

Guilherme chamou o senhor Gustavo em particular e perguntou baixinho:

— Vou mesmo fazer estágio aqui na oca dele? Pensei que teríamos mais ação. E me parece que este tal Camarão é um pouco chucro. Ele é um índio

reprovou Guilherme, olhando disfarçadamente, por cima do ombro do anfitrião para o indígena, que apenas sorriu ao seu olhar.

Gustavo, notando a prepotência do novo estagiário, disse:

— O nome é Kayamã e, por favor, Guilherme, seja mais humilde. Seja mais paciente, se quiser aproveitar seu estágio, retrucou Gustavo ao prepotente e preconceituoso médico, completando em voz alta:

— Deixarei vocês e retornarei mais tarde. Boa sorte, Guilherme.

E desapareceu, sem deixar vestígios de sua presença.

Guilherme olhou para o senhor Kayamã e, sem saber o que dizer, deu um sorriso sem graça e perguntou meio sem assunto:

— O senhor é quem cuida dos animais daqui? — perguntou com um ar um tanto arrogante, porém tímido por estar com uma pessoa desconhecida.

O índio, muito confiante, mas humilde, respondeu sem dar importância à arrogância do novo aluno:

— Eu apenas colaboro com meu humilde trabalho da maneira que está ao meu alcance. — respondeu o senhor de rosto pintado e continuou com outra pergunta:

— O senhor gostaria de acompanhar a rotina de nossa oca em prol dos animais das florestas tropicais?

— Sem dúvida! Em cada oca uma surpresa — satirizou Guilherme, que demorava em deixar sua prepotência de lado.

Mas Kayamã conhecia a personalidade do novo aluno e sabia que deveria esperar por sua mudança de comportamento, que não demoraria a ocorrer, e apenas sorriu um sorriso franco, chamando-o para entrar.

— Daqui acompanhamos nossos irmãos da floresta. Desde o menor ao maior animal, isto é, desde uma formiga até uma grande anta. Todos merecem a nossa atenção, pois o equilíbrio energético do planeta passa pelo equilíbrio ecológico estes seres estão envolvidos diretamente. Daqui podemos acompanhá-los através de fichas técnicas obtidas neste aparelho que está à sua frente.

Então, mostrou uma tela semelhante à de uma televisão, mas muito fina, como se fosse feita de um material mais delicado que papel, que continha informações e imagens sobre os animais monitorados.

— Os controles são acionados mentalmente e as informações são enviadas instantaneamente ao nosso cérebro, ficando incorporadas ao nosso pensamento.
— Falou o índio.

Mas, Guilherme não conseguia entender como, a partir de uma instalação minúscula como era aquela oca, poderia controlar as fichas e o comportamento de cada animal da floresta sem se atrapalhar, pois são milhares de animais no total. Aquilo lhe parecia improvável.

— Muito interessante! Mas como é que vocês controlam tantos animais ao mesmo tempo? Insetos, por exemplo, são milhares deles — perguntou Guilherme, incrédulo da capacidade do novo conhecido e orientador.

— Os insetos, assim como outros pequenos animais, tais como os peixes, aves de pequeno porte e répteis possuem um sistema instalado em seu DNA que monitora cada grupo como se cada grupo fosse um indivíduo. Então, quando monitoramos os insetos, por exemplo, seria como se estivéssemos monitorando não o indivíduo em si, mas o grupo a que pertence. Cada grupo seria como um só organismo. Dentro de cada grupo há informações sobre os gêneros, espécies, subespécies, mas que têm importância.

Há outro setor do Rancho, como o de Ecologia Espiritual, por exemplo, ou de Evolução. Aqui neste setor nos preocupamos com o equilíbrio ecológico e com a evolução também, mas nossa preocupação central é em relação a salvamentos e resgates. Kayamã, notando a confusão mental que acabara de criar em Guilherme, fez uma pausa em sua explanação para a seguir reiniciar, de forma mais lenta, para que o novo aluno conseguisse acompanhar o raciocínio, pois Guilherme ouvia e coçava a cabeça, pensativo, tentando entender os novos conceitos que estava recebendo. Ao se reproduzir, continuou Kayamã —, cada inseto recebe dentro do seu código genético moléculas de enxofre ligadas ao DNA, que trabalham como agregadores entre indivíduos, espécies, gêneros e outros grupos classificatórios de insetos. O mesmo ocorre com os outros pequenos, como peixes, a maioria das aves e répteis, respondeu Kayamã, polidamente, como se não fosse um homem das florestas. Guilherme estava boquiaberto, surpreso com a maneira de falar e com o conhecimento daquele que julgou incapaz. A cada informação adquirida, continuou o professor, ou a cada

aprendizado, transmitem, automaticamente, aos outros indivíduos da mesma espécie, por exemplo, de modo que todos possam entender como reagir à mesma situação pela qual passou o indivíduo. Assim, se uma ave, por exemplo, aprende a quebrar uma semente usando um novo método, a informação é incorporada ao seu código genético. Desse modo, outras aves das gerações seguintes, e algumas vezes da mesma geração, passarão a usar o mesmo método, natural e automaticamente, mesmo não tendo contato direto com o indivíduo que descobriu o novo método. Isto ocorre com todos os pequenos que ainda estejam inseridos dentro do mesmo corpo coletivo, concluiu o senhor Kayamã.

— Corpo coletivo?! O que é isso? — perguntou Guilherme, intrigado. Corpo coletivo significa, como já expliquei, que existe o indivíduo, mas comportam-se de forma idêntica em coletividade, como se fossem um só corpo formado por vários indivíduos da mesma espécie ou gênero ou outro grupo de classificação. Guilherme parecia não entender bem o conceito, por isso Kayamã tentou dar exemplos. Temos o reino animal, que engloba todos os animais. Este é um corpo coletivo. Os gêneros formam outros corpos coletivos; as espécies formam outros corpos coletivos, as subespécies formam outros; e, assim por diante. São vários corpos menores dentro de um maior explicou o professor. Os seres humanos estão nesta classificação de corpo coletivo? Perguntou o aluno. Em parte, sim, mas os seres humanos formam um grupo à parte, que não nos cabe estudar para não criar confusões mentais, pois é um estudo mais complexo, respondeu. Enquanto Kayamã dava as últimas explicações, notou que Guilherme dispersara-se, observando os detalhes do interior da oca, que era uma moradia rústica com chão de terra batida. No interior havia uma rede para descanso em um canto, alguns artefatos indígenas em outro, um tambor feito com pele, um arco e flechas feitos de palmeira e alguns colares com dentes de animais. A oca era toda feita de palha de palmeiras.

Kayamã, notando a distração e a dúvida de Guilherme, disse: Tudo aqui não é real, isto é, nada do que você vê aqui é o que parece ser. Sei que deve estar se perguntando o porquê de artefatos feitos com peles e dentes de animais, mas não são reais. Estes artefatos são criações mentais minhas, inclusive esta oca. Criei este ambiente apenas para recriar o ambiente indígena em todos os detalhes, para

que eu pudesse me sentir em casa.

— Então, todas as outras habitações também são criações mentais — concluiu Guilherme.

— Isto mesmo — respondeu — Nós apenas criamos as formas que desejamos. É muito simples fazer isso por aqui. Tudo o que desejamos se materializa com a força do pensamento explicou o índio.

Kayamã notou a curiosidade de Guilherme em saber como criavam objetos, mentalmente.

— Tente você criar algo — sugeriu Kayamã. Imagine algo que queira agora, mentalize sua materialização e observe o que ocorre.

Então, Guilherme fechou os olhos e deixou as mãos espalmadas para frente e para cima como se estivesse segurando algo. Aos poucos um objeto foi criando forma sobre a palma de uma das mãos. Um lanche com hambúrguer. O índio olhou o que se formou, mas nada disse. Apenas ficou em silêncio. Hum, que fome — exclamou o jovem doutor, adepto das refeições rápidas.

Olhando para Kayamã, Guilherme notou um sinal de reprovação. Guilherme desculpou-se e escondeu o lanche que demonstrava seu desejo de consumir carne. Kayamã deixara de comer carne há muitas encarnações e somente se alimentava de vegetais. Percebendo a reprovação de seu orientador, imediatamente a criação mental de Guilherme se desfez.

— Pois bem, senhor Guilherme: vamos continuar nossas observações a respeito dos nossos irmãos da floresta?

— Estou ansioso por isso — disse Guilherme à Kayamã.

— Como eu dizia — falou o índio —, no código genético, ou seja, na seqüência do DNA de cada espécie, é introduzida, automaticamente, durante sua formação, esta molécula que os une para formar um ‘corpo coletivo’. Quando estamos falando de grandes corpos, significa que os indivíduos são seres que se encontram em uma escala evolutiva bem primária. Nestas fases iniciais, a dor e o sofrimento têm valor relativamente pequeno, pois existem mecanismos que os protegem neste sentido, há nos seus DNA uma porção que os resguarda da dor desnecessária. A porção desta molécula é ativada nos momentos críticos de perigo ou em caso de morte iminente. Por enquanto, na fase em que se

encontram, serve apenas como uma espécie de alarme para indicar perigo, mas tem pequeno valor como aprendizado. O aprendizado através da dor somente passa a ter peso a partir de camadas populacionais mais adiantadas, em que o coletivo é menor e mais numeroso. À medida que os indivíduos passam a ter raciocínio mais individualizado o tamanho deste corpo diminui na mesma escala. Esta forma de aprendizado ganha peso máximo somente nas faixas da humanidade. Em faixas anteriores, ainda são protegidos contra ela, que não poderia transmitir muitas lições ainda.

Fazendo uma pequena pausa, toma fôlego e continua.

— Durante as situações nas quais a dor extrema é inevitável, esta porção do DNA é ativada. Com isso estimula nos fluidos corporais o lançamento de substâncias anestésicas que agem sobre determinados pontos do corpo físico, intermediários ao espiritual, fazendo com que se desliguem automaticamente um do outro. Se não atingir o limiar crítico, o animal recobra a consciência, mas, se ultrapassá-lo, abandona o corpo físico definitiva mente e morre. Isso significa que na ativação deste mecanismo elevase o limiar da dor em caso de óbito inevitável, o animal tornase inconsciente antes que note o que desencadeou sua morte, lançando seu corpo espiritual automaticamente dentro da dimensão extrafísica sem traumas.

Antes que Kayamã pudesse continuar com sua explanação interessante, Guilherme empalideceu, estremeceu seu corpo e arregalou os olhos como se estivesse entrando em algum tipo de transe. Kayamã pensou consigo mesmo, tentando alcançar o pensamento de Guilherme:

— Depois continuaremos. Até logo!

E Guilherme desapareceu rápido de dentro da oca. Era sua mãe chacoalhando-o, freneticamente e a Bons para que acordassem e fossem jantar.

O PRESENTE

— Acordem, vamos. Hora de jantar! — chamava Dona Elza insistentemente. Mas que pessoal difícil de acordar! Vamos, acordem! — insistiu dona Elza. Temos uma comidinha especial para o Bons, que está fraquinho e outra para o Gugu (era assim que sua mãe o chamava, quando o tratava como criança), que também passou por maus bocados hoje.

Finalmente acordaram e Guilherme, com olhar distante e voz rouca, chamou Bons que, rapidamente salta do sofá e corre na frente até a cozinha, em busca do seu manjar merecido, após tudo pelo qual passou pela manhã. Enquanto se serviam, Guilherme perguntou à mãe:

— Mãe, você se lembra do Bob? O Malamute cinza que eu tinha quando criança e que uns arruaceiros mataram.

— Sim... Sim... Lembro... É... É claro — respondeu dona Elza, gaguejando, nervosa, e desviando o olhar para longe do olhar do filho, como se estivesse tentando esconder algo. Mas porque está perguntando agora, assim, sem mais nem menos?

— Nada não, mãe! E que eu tive um sonho com o papai. Neste sonho, aparecia o Bob, que brincava com a sua bolinha, e lambia as mãos do papai. De repente, o rosto do papai se transformava em um rosto de monstro e em seguida aparece o Bob morto, como vimos naquele dia.

Enquanto Guilherme falava, franzia a testa e contraía uma das sobrancelhas, como se estivesse desconfiando de algo.

— Parece um sonho fantasioso demais — continuou ele — mas, senti-me muito mal em vê-lo nesse sonho, aliás, pesadelo.

Nesse instante, dona Elza iniciou um choro sonoro, levantou-se e correu para o quintal nos fundos da casa.

Guilherme a seguiu e, ao alcançá-la, abraçou-a, dizendo:

Desculpe-me, mãe. Não queria remexer em velhas lembranças dolorosas.

— Não é isso, filho — disse Dona Elza. Preciso lhe contar o que houve.

Não suporto mais viver com isso, sei que estou envelhecendo e não vou querer levar esta culpa comigo para o túmulo. Já perdemos o seu pai e não pude me desculpar com ele. Preciso me livrar disso, senão chegarei mais rápido ao lado de seu pai, onde ele estiver.

— Nossa, mãe! Não fique assim tão transtornada. Relaxe e me conte o que houve. Não se preocupe, não sou mais uma criança. Só quero saber para acabar com esta curiosidade, pois nunca acreditei que tivessem sido os arruaceiros que ninguém viu a fazerem aquilo com o Bob. Mas, também nunca imaginei quem poderia ter feito isso. Conte-me, então, o que houve.

Dona Elza iniciou seu relato, entre um soluço e outro:

— Eu pedi a seu pai que envenenasse o pobre cão.

Guilherme ficou pálido com o que sua mãe disse. Ele não poderia supor que ela fosse capaz de uma crueldade com alguém.

Ele tentou disfarçar e deixou que ela continuasse.

— Seu pai recusou, pois achava preferível dá-lo a alguém do que matá-lo. Ele achava que seria muita crueldade, mas eu insisti, pois eu sabia que, se alguém o adotasse, você o tomaria de volta. Após muito insistir e ameaçar que eu iria embora de casa se não o fizesse, acabou cedendo e somente aceitou por causa da chantagem. Eu queria que Bob tivesse uma morte rápida e sem dor, mas não sei o que deu em seu pai de querer espancá-lo e queimá-lo. Deve ter sido horrível para Bob morrer lentamente daquela forma. Achei que foi muita crueldade. Depois de ver Bob com o crânio deformado, e seu corpo destruído, nunca mais eu quis olhar ou falar com seu pai. Por isso entrou em depressão e desenvolveu o câncer de pulmão, que o consumiu rapidamente. Eu matei os dois:

Bob e seu pai — concluiu ela, fazendo um pedido sentido:

— Perdoe-me, filho. Sei que não sou boa mãe, mas eu era ainda muito jovem na época e não pensava muito nas conseqüências de meus atos. Por favor, filho, me perdoe — pediu dona Elza, abraçando o filho, que estava com lágrimas nos olhos, assim como ela.

Guilherme respondeu:

— Mãe, estas coisas estão no passado. Eu só tive curiosidade. Estou sentido em saber que Bob sofreu tanto e que vocês também sofreram pela culpa que os

atormentou por anos seguidos. Mas se alguém precisa perdoar alguém, não sou eu, pois não me sinto atingido. Eu era uma criança e pouco me lembro. Não há o que desculpar Mas, espero que você não se puna por estas coisas que já estão no passado.

Esqueça. Não tocaremos mais no assunto.

Elza disse, então:

— Tomara que seu pai me perdoe pelo que fiz a ele, destruindo-o daquela maneira.

— Com certeza papai a perdoou. Ele sempre foi uma ótima pessoa.

Neste instante, a campainha toca. Era Cláudia, que trazia um pequeno filhote de Malamute de mais ou menos trinta dias de vida. Parecia um brinquedo, que cabia nas miúdas palmas das mãos da pequena sansei, noiva de Guilherme.

— Oi, Cláudia, entre! — deu um beijo na face da noiva, que retribuiu com outro.

— Quem é esta bolinha de pêlos cinzas que você está carregando?

O pequeno, ainda de movimentos lentos devido à pouca idade, procurava o polegar de Cláudia para sugá-lo como a uma chupeta, produzindo sonoros estalos. Cláudia, então, explicou: Este é Bob!

Dona Elza torna-se pálida ao ouvir o nome de Bob e pede para a ajudarem a sentar-se. Cláudia faz uma pequena pausa enquanto a mãe de Guilherme se recupera do mal-estar passageiro, e continua após notar que ela já estava melhor.

— Há cerca de dez minutos, o deixaram em minha porta com um bilhete pedindo que entregasse a Guilherme e à sua mãe este que foi o único que sobreviveu de um acidente que vitimou a mãe, o pai e toda a ninhada. Segundo ele, o acidente matou a todos, exceto este pequeno mordedor de polegares.

Cláudia ria, enquanto o observava mordiscando seu polegar e lambendo as patinhas, como se estivesse com um brinquedo.

— Não é uma belezinha? Veja que lindos olhos azuis completou Cláudia, que o abraçou com carinho e o entregou a Guilherme, que aconchegou o filhote em seus braços como se carregasse uma pequena criança, aproximou-se de dona Elza e o entregou a ela.

Cláudia contou que no bilhete havia um pedido de desculpas e então trouxe

o presente o mais rápido que pôde.

Guilherme abraçou sua mãe e disse:

— Fique tranqüila, de agora em diante, mãe. Papai a perdoou — falou Guilherme demonstrando que estava aceitando a idéia da vida após a morte.

Dona Elza deixou cair uma lágrima sobre a cabeça do pequeno cão que não parava de lambe-lhe a palma da mão. Cláudia, percebendo que era um assunto de família, não queria atrapalhar, despediu-se e saiu, deixando-Os a sós.

Esqueceram-Se até do jantar que já estava frio. Bons surgiu na sala, abanando sua cauda, curioso para conhecer o novo companheiro. O cão parecia entender que ganhou um amigo e demonstrava isso, pois, feliz, deu um latido de boas vindas ao pequeno, que se assustou com aquele súbito som. Aproximou-se devagar e começou a lambê-lo, em sinal de que aprovou a sua presença.

Bons se afastou por alguns instantes e retornou com a bola que pertenceu a Bob, o falecido, deixando-a cair sobre o colo de dona Elza que, emocionada, o abraça e o beija. Passaram horas brincando com o novo membro da família, que mais preferia dormir do que brincar.

Era cerca de meia-noite e Guilherme, já sonolento, colocou Bob em sua cama ao lado de Bons e adormeceram juntos. Novamente, como vem fazendo nas últimas noites, Guilherme se desdobra ao ‘rancho’, indo diretamente à oca de Kayamã.

O INCÊNDIO

— Boa noite, senhor Guilherme. Vejo que o senhor está se interessando pelo assunto que estávamos desenvolvendo.

— Oi, senhor...

Guilherme esqueceu o nome de seu novo professor.

— Kayamã — completou seu mestre em assuntos de animais selvagens.

João Rubens, que também aguardava a chegada de Guilherme, quis saber:

— Como está sendo seu estágio?

— Tranquilo, por enquanto. Sem novidades. Então; prepare-se para o trabalho, pois hoje a aula será bem movimentada.

João Rubens olha para o orientador indígena e pergunta:

— Nosso amigo está em condições de receber aulas práticas, senhor Kayamã?

— Creio que sim, mas a resposta a esta pergunta cabe a ele dá-la.

Guilherme, aproveitando a proximidade do amigo, perguntou-lhe, baixinho:

— Esse aí é mesmo índio? Parece um inglês falando. Ele é tão cerimonioso para falar. Eu pensei que os índios fossem mais toscos — observou Guilherme.

O senhor Kayamã falou João Rubens, em voz alta, — é um dos mais antigos colaboradores de nossa instituição. Ele escolheu viver como índio por vontade própria. Por sentir-se bem com esta aparência e por estar sempre em contato com a floresta, com os animais e, por estar desiludido com a condição do homem da cidade, prefere a natureza como companhia. Ele foi, em encarnações passadas, um brilhante cientista, engenheiro, arquiteto, pintor, escultor, músico, escritor... Foi ganhador de vários prêmios de elevada importância, tal como o prêmio Nobel de Física, e outro de Literatura, em diferentes ocasiões. Foi introdutor de várias teorias científicas que modificaram os rumos da ciência na Terra — concluiu João Rubens, olhando para Kayamã, que permanecia em silêncio.

Guilherme ficou mudo. Mal podia acreditar que seu professor fosse uma personalidade tão graduada e importante assim. Desde então, passou a respeitá-

lo mais. João Rubens, percebendo que estendeu demais sua permanência ali, preferiu deixá-los a sós para continuarem com as aulas.

— Não quero atrapalhá-los em suas tarefas, pois sei que há uma emergência em andamento. Por favor, continuem.

Posteriormente, nos veremos.

Despediu-se e sumiu.

Guilherme olhou para Kayamã, intrigado, e quis saber:

— Emergência?

— Sim. Uma equipe nossa já está no local, tomando providências e tentando controlar a situação, mas eu o levarei lá para que auxilie e aprenda.

Dizendo isso, caminhou até próximo à tela do monitor e, com um movimento rápido das mãos, abriu outra tela maior onde se podia ver uma floresta em chamas, com vários animais em fuga, e Outros mortos carbonizados.

— Aproxime-se, senhor Guilherme — pediu o índio. Veja qual é a situação. Esta é parte da Floresta Atlântica. Como estamos em época de seca, a vegetação torna-se propensa a queimar, facilmente. Basta uma fagulha para que se torne uma bomba incendiária. Nossos colaboradores da floresta se incumbem de controlar pequenos focos de incêndio, enquanto outros tentam controlar o foco central do fogo, que se iniciou a partir de uma ponta de cigarro acesa, jogada, displicentemente, sobre o capim seco. Rapidamente, espalhou-se por extensa área, inclusive uma área habitada por pessoas. Nosso trabalho inicial consiste em ir ao local do foco primário do incêndio e extingui-lo; o segundo passo seria agir sobre o fogo diretamente, evitando que se espalhe ainda mais. Se o controle imediato não for possível, nossa equipe de resgate entra em ação para tentar salvar das chamas o maior número que puder de habitantes animais ou humanos — explicou o índio, com olhar sério, diante daquela situação de risco.

Kayamã terminou a explicação, convidando o novo aluno a seguir com ele até o local da emergência.

— O senhor me acompanha?

Guilherme, sem experiência, pergunta:

— A ‘esteira’ nos levará até lá?

— Não, não é preciso, pois estamos praticamente lá — e pediu ao aluno que

o seguisse.

— Siga-me. Vamos trabalhar.

Dando apenas um passo, atravessou aquilo que

Guilherme julgava ser uma tela feita de um líquido ou gel que ondulava ao som das vozes dos interlocutores.

— Venha. Não tema — chamou Kayamã, que já estava do outro lado da tela.

Atravessando sua mão de volta através da tela, pegou Guilherme pela mão e o puxou também para o outro lado.

— Chegamos à floresta — explicou o índio —, isso que o senhor julgava ser uma tela é, na verdade, um portal interdimensional, que pode nos levar a qualquer parte do universo, apenas atravessando-o.

Olhando para trás, Guilherme, já pisando em solo fofo de húmus da floresta quente e abafada, podia ainda ver nitidamente o interior da oca de Kayamã através do portal.

— Já ouvi algo a respeito de portais interdimensionais, mas achei que fosse ficção.

— Pois não são. Eles existem em todo o universo e são de grande utilidade aqui em nossa dimensão. Na sua dimensão, somente agora estão descobrindo sua existência, mas, não sabem ainda qual sua utilidade prática. E somente uma questão de tempo para seu uso se tornar tão comum quanto o telefone. Há portais minúsculos por onde passa apenas uma partícula subatômica; e outros gigantescos, como são os buracos negros do espaço. Mas, vamos ao que importa agora. Vamos ao trabalho. Posteriormente, poderemos entrar em maiores detalhes sobre portais interdimensionais.

Afastaram-se do portal e encontram outros indígenas que estavam trabalhando em algum projeto de combate ao fogo. Kayamã parou entre eles e um passou-lhe algumas informações sobre o andamento dos resgates.

— Senhor Kayamã — falou outro indígena —, estamos a ponto de perder o controle da situação. O fogo está se alastrando rapidamente e precisaremos mesmo de ajuda externa para extingui-lo, pois espalhou-se por uma área muito vasta.

— Não se preocupe. Já tomamos as providências. Pedimos reforços à colônia Jonisi, para que nos envie uma equipe auxiliar. Provavelmente, já devem estar trabalhando no sentido de provocar o adensamento das partículas de água da atmosfera para que se derramem sobre o fogo como chuva e controle as chamas. Enquanto isso não ocorre, passe-me o relatório dos salvamentos realizados até o momento — pediu Kayamã, dirigindo-se a outro indígena, que era o encarregado deste assunto.

— Foram evacuados da área de risco milhares de animais e levados ao outro lado da floresta, aonde o fogo ainda não chegou. Mas, centenas não conseguiram atravessar os portais, foram atingidos pelo fogo e não sobreviveram, mas já estão sendo tratados no hospital, se recuperando, e sendo encaminhados à reencarnação e deverão estar de volta assim que a situação estiver novamente sob controle. Foram abertos muitos portais que ainda estão ativos — relatou o amigo.

— Muito bem. Agradeço por seu relatório. Agora, iremos ao encontro dos espíritos da floresta para obter deles os relatórios e saber como vão indo as negociações. Até logo!

Despediram-se e caminharam pela floresta por alguns minutos. Mais adiante encontraram uns seres que eram desconhecidos de Guilherme. Ele nem imaginava que existissem formas de vida semelhante. Eram seres parte humano, parte animal. Uns tinham feições de felinos, outros de canino, outros ainda de aves, roedores, mas o corpo da maioria deles era semelhante ao de humano. Eram seres híbridos ou espíritos da floresta.

Suas estaturas eram muito variadas, indo desde cinco ou dez centímetros até próximo de um metro de altura. Em sua maioria, os corpos eram cobertos por pêlos, mas deixavam ver a pele cujos tons variavam entre muito clara até os muito pigmentados. Alguns tinham a pele parecida com a de répteis, cobertas por escamas coloridas.

Falavam muito rápido, em uma linguagem estranha a Guilherme. Eram agitados, movendo-se com extrema agilidade, subindo e descendo de árvores e rochas muito rapidamente.

Seus movimentos lembravam os movimentos de esquilos. Ao se

aproximarem, apontando para eles discretamente com o indicador, Kayamã explicou a Guilherme quem eram aqueles seres.

Aqueles são os espíritos da Natureza. São conhecidos na Terra como faunos. Eles não são exatamente animais, são seres intermediários entre uma espécie animal e outra. Eles nos auxiliam como porta-vozes dos animais, pois nos trazem informações diretamente deles. São para os animais como zeladores. Eles os protegem contra os caçadores, por exemplo, criando ilusões de óptica, que os desorientam, enquanto os animais se safam. Tratam dos animais doentes, usando energias obtidas dos vegetais abundantes na floresta através de uma parceria que fazem com os seres elementais relacionados às plantas. Seus rostos se assemelham aos da espécie de que fizeram parte no seu estágio evolutivo anterior.

As espécies com que se parecem são as que mais auxiliam, pois são as com que eles têm mais afinidade. Veja aquele grupo, por exemplo: pareceu-se com jaguatiricas.

Isto significa que na última encarnação estavam estagiando como jaguatiricas. Por isso, há afinidade com eles, a quem ajudam com mais frequência. Mas, isso não significa que não ajudem outras espécies também. Cada grupo orienta as raças e espécies afins, neste caso em que há um incêndio, indicando rotas de fuga para que não corram em direção a algum lugar sem saída, indicando os locais seguros e a localização exata dos portais — explicou Kayamã.

Aproximam-se dos grupos de faunos e se cumprimentam mentalmente, conversaram rapidamente e o senhor Kayamã conseguiu as informações de que precisava. Após isso afastaram-se dali, indo em direção ao foco inicial do incêndio. Guilherme, percebendo que se aproximavam das chamas, fica preocupado por sua segurança apesar de estarem ali em espírito somente.

— Senhor Kayamã, é seguro irmos nesta direção? O calor esta aumentando.

— Está bem, eu sigo sozinho até eles e você me aguarda aqui.

— Eles quem? — perguntou Guilherme, curioso.

— Os elementais do fogo de retaguarda, que são submissos àqueles que iniciaram o incêndio — respondeu o índio.

— Você vai conversar com o fogo?! — perguntou o incrédulo aluno. Ah! Essa eu preciso ver.

E seguiu o mestre até uma distância e parou pouco antes de alcançarem as chamas. O índio aproximou-se das chamas e começou a falar em um idioma totalmente estranho.

A seguir uma pequena chama se separou do foco principal e se aproximou do senhor Kayamã que, em sinal de respeito, curvou-se em reverência diante dela. Após alguns minutos, o índio curvou-se novamente e se afastou dali, voltando em direção a Guilherme que o aguardava. O senhor Kayamã pegou a mão de Guilherme e pediu-lhe que fechasse os olhos. Quando os abriu novamente, estavam em outro ponto da floresta onde ficava o foco principal do incêndio, que estava na dianteira, destruindo tudo.

Puseram-se à frente das chamas à certa distância. Kayamã orientou Guilherme a fazer um sinal de reverência ao modo dos budistas, curvando-se para frente com as mãos postas, juntamente com ele. Ao fazerem a reverência, um grande foco de fogo se destacou e saltou diante deles sem queimar a vegetação onde estava, apesar do calor.

Mentalmente o índio dialogou com aquele ser, que era pura energia. Após alguns minutos, aquele ser em forma de uma grande chama se afastou e retornou ao conjunto de onde se destacou e novamente confundiu-se. Kayamã deu-se por satisfeito com o diálogo que teve e se afastou, acompanhado por Guilherme.

— O senhor conversou com o fogo mesmo? — perguntou o aluno, curioso por saber a resposta.

— De certo modo, sim. Na verdade o fogo é apenas sua manifestação, pois caso contrário continuariam a queimar tudo que encontrassem à frente até acharem que cumpriram a tarefa de destruição solicitada por um ser humano.

— O fogo foi solicitado a queimar. Não foi um acidente, então?

— Na verdade foi um acidente. Uma pessoa inadvertidamente lançou um cigarro aceso sobre o capim seco que se incendiou.

Mas o incêndio somente ocorreu porque a fagulha lançada nestas condições é entendida pelos elementais como um pedido, que é prontamente atendido, surgindo o incêndio.

Como estão fazendo isso por concessão, somente outro ser humano, ou aquele que fez a solicitação, pode pedir sua extinção. A dificuldade de controlar as chamas reside no fato de que uma vez iniciada a sua missão, somente conseguem desativar todo o processo através de dois modos: por falta de substrato comburente, ou por exaustão das chamas. Ambos os casos podem demorar a se completarem, por isso pedimos ao líder que cesse seu trabalho. Ele aceitou e já ordenou a extinção do incêndio. No entanto, mesmo tendo iniciado a desativação, o processo leva alguns dias para ser completado.

Seu líder, neste caso nos autorizou a intervenção através de outros elementais. As águas das chuvas nos auxiliarão a diminuir rapidamente a energia dos elementais do fogo, as Salamandras que estão no comando do fogo. Então, agora iremos aos trabalhadores da colônia Jonisi para saber como estão indo os entendimentos com os elementais da água e do ar.

Guilherme interrompe a fala de Kayamã.

— Espere um pouco. Você está indo muito rápido. Preciso de mais explicações.

— Depois. Agora não há tempo — falou o indígena apressado — segure novamente minha mão, feche os olhos e vamos a eles.

Guilherme, curioso, manteve-se de olhos abertos durante o salto quântico de deslocamento. Ele queria saber qual era a sensação de acompanhar o salto na velocidade do pensamento.

Parecia estar atravessando um túnel escuro em que luzes intermitentes passavam muito rapidamente ao seu lado, deixando o zozzo. Atordoado com toda aquela velocidade, passou mal apesar da viagem ter durado alguns milésimos de segundo.

Mesmo durando um tempo quase infinitesimal, o tempo parecia desacelerar. A impressão que se tinha era de que a velocidade era menor, criando uma ilusão de estar demorando mais para completar o salto. Mesmo assim era uma velocidade estonteante. Quando alcançaram o objetivo, Guilherme empalideceu e eliminou jatos de fluidos gástricos. Constrangido pelo vexame, deu um sorriso sem graça e desculpou-se. Chegaram ao topo de uma colina onde encontraram-se com outros índios de uma tribo diferente daquela encontrada anteriormente, que

dialogavam com algumas entidades cujos corpos eram tão sutis e vaporosos que quase os tornava invisíveis mesmo para aquela dimensão. Aquelas entidades eram as lideranças dos seres elementais do ar, que planejavam os meios de apagar o fogo.

— Eram os silfos, os elementais do ar. Eles são seres capazes de movimentar o ar, formando o vento. Mal chegaram e as entidades se afastaram, produzindo um zumbido alto e uma corrente de vento no ar que durou alguns segundos.

— Como estão as conversações com os silfos, com as ondinas e com as sereias? — perguntou Kayamã a um dos trabalhadores indígenas, após se cumprimentarem.

— Tudo acertado, senhor. Iniciarão imediatamente as manobras de deslocamento das partículas pesadas do ar e dos vapores de água. Em breve teremos chuva e as chamas se extinguirão, senhor.

Kayamã agradeceu a colaboração e se despediu de seus amigos, chamando Guilherme a acompanhá-lo.

Guilherme, já recuperado do enjôo, agarra-se firmemente às mãos do amigo. Estava temeroso por mais um incidente gástrico embaraçoso e apertou fortemente os olhos.

— Calma, senhor Guilherme. Não é mais preciso este cuidado. Abra os olhos e dê um passo à frente.

Ao abrir os olhos, Guilherme deparou-se com o portal que deixava ver do outro lado o interior da oca do senhor Kayamã. Guilherme apressado em sair da floresta deu um salto em direção ao portal e aterrissou de barriga no chão de terra batida da habitação singela de Kayamã.

Kayamã sorriu discretamente e falou após atravessar o portal:

— Sinto que as dúvidas pululam em sua mente. O que deseja perguntar, senhor Guilherme?

Guilherme afobado fez muitas perguntas seguidas, atropelando as palavras.

— Por favor, senhor Guilherme, uma pergunta de cada vez. Não tenha tanta pressa, temos muito tempo ainda.

— Então, vamos começar do começo. Os portais, como surgem?

Seu orientador pára por um instante e responde:

— Os portais são a forma mais econômica, prática e fácil de viajar no tempo e no espaço. Estes se abrem e se fecham continuamente no universo e podem ser controlados por pensamento. Estes portais já são uma realidade na Terra, pois os cientistas tiveram contato com este fenômeno em observações laboratoriais, onde puderam observar elétrons se teletransportando através de minúsculos portais a locais distantes dentro da mesma molécula. Os portais são soluções de continuidade criadas entre dois tempos ou dois espaços diferentes, independentes da distância que exista entre eles.

O aluno, satisfeito, queria chegar aos seres da natureza e aos elementais sobre os quais estava mais curioso.

— Os faunos. Quem são eles?

— São seres intermediários na evolução animal. Estão em estágios entre uma e outra espécie animal. Por exemplo, um felino selvagem antes de passar ao estágio de felino doméstico, deve passar pelo estágio de fauno a fim de aprender algo sobre a nova espécie ou gênero em que irá ingressar. Aprendem sobre cooperação e, principalmente, sobre convívio pacífico dentro de um outro grupo novo, auxiliando quando necessário. Como seu objetivo principal é se tornar um ser humano futuramente, apresentam algumas características que lembram símios ou humanóides.

— E os elementais? Confesso que não entendi o que ocorreu na floresta com relação a eles.

— Como o senhor sabe, tanto nós que vivemos aqui na dimensão espiritual, quanto Vocês que vivem na dimensão física, somos constituídos por uma combinação de vários elementos químicos. Quando estamos encarnados possuímos em nossos corpos uma grande concentração dos elementos como o carbono, oxigênio, hidrogênio, além de uma infinidade de outros elementos químicos em menores concentrações. Quando desencarnamos, nossos corpos também possuem as mesmas constituições bioquímicas e possuímos a maioria dos elementos químicos que possuíamos quando encarnados, porém em menores concentrações. As nossas moléculas, neste caso, encontram-se em menor número sendo bem menos concentradas, dando-nos a aparência vaporosa aos sentidos

dos encarnados que têm dificuldades em nos captar visualmente. Estando aqui, nesta dimensão, ocorre o mesmo com os elementais nem todos do lado de cá podem visualizá-los, pois são sutis a nós por serem constituídos por apenas um ou dois tipos de elementos químicos disse o senhor Kayamã, que fez uma pausa para tomar fôlego antes de continuar. Guilherme permanecia em silêncio, atento as explicações do orientador.

— Eu pensei que elementais fossem seres relacionados aos quatro elementos da natureza, ou seja, a água, terra, o fogo e o ar.

— Não é um conceito errado, mas com o conhecimento da existência dos elementos químicos, nada mudou, pois o ar é basicamente oxigênio, a água basicamente hidrogênio, a terra basicamente O enxofre e o fogo basicamente o carbono.

Então, são quatro elementos também.

— Está bem. Entendi. Mas fale-me sobre os elementais do fogo.

— As chamadas Salamandras são seres tão reais quanto eu ou você. Vivem em grupos, formando hierarquias. Eles têm os seus líderes e subalternos que trabalham em conjunto. Seus corpos são simples e basicamente constituídos por átomos de carbono. Conseguem concentrar ou dispersar estes elementos que captam da natureza, nutrindo-se e energizando-se deles. Quando concentram quantidades muito grandes destes elementos, aumentam muito suas energias, formando nuvens de carbono que se movem cada vez mais rapidamente, esbarrando-se uns nos outros, criando uma energia conhecida como fogo. O fogo que vemos não é o corpo de uma salamandra, mas a sua manifestação. Em alguns casos sua energia aumenta em proporções muito elevadas, tornando-se difícil diminuí-la rapidamente para voltar ao estado de repouso dos átomos de carbono. Por isso, algumas vezes é necessário a ajuda de outros tipos de seres elementais para desacelerarem o ritmo de atritos entre estes átomos quando se quer extinguir um incêndio, por exemplo.

— Ah! Entendo agora. Por isso pediram o auxílio dos ventos e das águas. Certo?

— Está correto, senhor Guilherme — respondeu o índio com olhar sereno e voz branda — e observe, apontando o indicador para o portal — já está

chovendo na floresta como previsto e o fogo está sendo controlado.

O jovem olha para o portal que ainda permanecia aberto e vê a floresta recebendo as generosas águas refrescantes, vindas do alto.

— Ufa! Que legal! — exclamou o estudante aliviado — mas como era aquilo de conversar com o vento?

— A nossa colônia irmã Jonisi abriga irmãos índios habituados a manipular e se relacionar com diversas energias da natureza. Dentre elas estão as energias do vento e das águas. Eles normalmente vão aos locais mais altos das florestas onde é mais fácil contatá-los e comunicarem-se com estes elementais, pois como os silfos são elementais cujos corpos são constituídos basicamente por oxigênio, são encontrados mais facilmente em ambientes abertos como as colinas. Eles, os silfos, têm a capacidade de manipular as partículas, moléculas e átomos suspensos na atmosfera, transportando-os para onde quiserem. Sabendo que possuem esta habilidade, nossos irmãos da outra colônia pediram-lhes aos silfos o auxílio para combater o fogo. Somente concordaram quando se certificaram de que os elementais das águas também estavam de acordo em oferecer sua ajuda.

— Por quê? Eles não se dão entre si?

— Não é isso. Acontece que, como os silfos, deverão mobilizar o elemento água em vapor. As águas são de domínio das ondinas e se não houver consenso, isto é, se não concordarem com a intervenção dos silfos, pode significar uma invasão de domínio. Eles são rígidos quanto a isso. Se as ondinas não concordarem, então eles não as mobilizam de jeito algum e por conseqüência não haverá chuvas. No entanto, houve acordo.

— Existe ética até mesmo entre os elementais — observou Guilherme.

— Isso mesmo e como eu dizia, os silfos, utilizando sua capacidade de manipular partículas da atmosfera, concentraram em um mesmo local uma grande massa de partículas suspensas no ar, que fizeram muita pressão em uma pequena área. Com isso provocaram um deslocamento de ar que estava por baixo desta coluna de partículas, fazendo-o circular sobre as chamas, aquecendo-o. Esta massa de ar aquecida deslocou-se em direção aos rios e fez aquecer a água que se evaporou e se elevou à atmosfera sob forma gasosa, formando as nuvens de chuva. Ao atingirem altitudes elevadas, perdem calor, se condensam e

se precipitam na forma líquida como uma chuva que é esta que estamos presenciando agora. Os silfos concordaram em utilizar as águas dos rios, pois sabiam que as ondinas também concordaram em acompanhá-los. As ondinas são elementais cujos corpos são formados por oxigênio e hidrogênio, ou seja, água. Seus corpos são compostos por água somente. A água rouba energia do carbono das nuvens de fogo quando entram em contato, absorvendo-a e dispersando-a em seguida. Com a diminuição da energia dos átomos de carbono do fogo, fazem diminuir a velocidade dos elétrons, extinguindo a chama. Por isso, as ondinas acompanharam os silfos em um trabalho conjunto.

Kayamã termina a explicação, prometendo levá-lo em outras oportunidades a conhecer melhor o trabalho dos elementais da floresta. Finda a explicação, surge o Senhor Gustavo.

— Olá, senhores! Como foi o trabalho de hoje?

Guilherme muito entusiasmado foi logo falando de forma apressada:

— Foi muito legal! Nós atravessamos um portal interdimensional, conversamos com elfos, com o fogo, com o ar, fomos de um lugar para outro tão rápido que vomitei, encontramos muitos índios, passamos um calorão no meio do fogo e...

Falou tão rápido, que perdeu o fôlego.

— Calma, doutor. Temos muito tempo para falar sobre o assunto. Não se afobe — falou Gustavo.

— Se me permite, senhor Kayamã, gostaria de acompanhar o senhor Guilherme a outros locais, enquanto ele me conta como foi o seu aprendizado na floresta.

— Claro. Já terminamos nossa tarefa de hoje. Fiquem à vontade.

Gustavo agradeceu e se retirou em companhia de

Guilherme que foi contando animadamente como foi sua aventura. Caminharam em direção ao veículo, que Gustavo chama de cesteira, para irem ao próximo estágio.

NO HOSPITAL

— Chegamos — falou Gustavo ao convidado que estava de olhos fechados, temeroso de passar por outro mal-estar de viagem.

— Onde estamos? — perguntou o médico. Aqui é setor de “resgate e tratamento”. Vamos entrando. Vamos conhecer o hospital.

Encaminharam-se ao grande prédio daquele setor. Era um prédio branco, com enormes portas que pareciam de vidro e com grandes janelas envidraçadas por toda a fachada, que deixava ver as pessoas que transitavam por seu interior. Ao se aproximarem da entrada a porta abriu-se automaticamente e entraram, indo diretamente à recepção onde encontraram um senhor de cabelos brancos, rosto rubro, demonstrando muita energia, pele lisa e brilhante, que refletia sua aura igualmente radiante. Era o senhor Benati. Estava rejuvenescido após seu reajuste com o filho, com a esposa e principalmente com o Bob.

— Oi, pai. Tudo bem? — cumprimentou Guilherme abraçando o pai, que os recebia com sorrisos e desta vez com a cabeça erguida.

— Estou ótimo, filho. Sinto-me como se fosse uma outra pessoa. Parece que renasci. E agradeço a você por me...

Guilherme fez um sinal balançando a cabeça, pedindo ao pai que esquecesse o assunto do Bob, pois aquele era um assunto passado e para que aquelas lembranças não voltassem e nem pudessem causar algum tipo de transtorno novamente. O senhor Benati sorriu e entendeu o que o filho queria dizer e percebeu o quanto o seu garoto estava amadurecendo.

O senhor Gustavo aproveitou a oportunidade e o pequeno silêncio que se fez para dizer que os deixaria e pediu ao senhor Benati que assumisse, como guia de visita, a partir daquele momento e orientasse o filho, conduzindo-o ao hospital. Despediu-se, prometendo retornar posteriormente.

— Venha, filho — falou Benati, convidando-o a conhecer o prédio.

— Aqui onde estamos é a sala de recepção e a decoração foi criada por nossos estagiários. Cada um que passa por aqui acrescenta algo ao nosso

patrimônio. Veja aqueles quadros, os vasos, o piso, a decoração do teto e das portas. Percebeu como tudo aqui é decorado com motivos animais? Você gostaria de deixar também uma lembrança?

Guilherme então mentalizou um quadro com o retrato de Bons, o seu cão especial, que seu pai pendurou na parede ao lado dos outros quadros.

— Este quadro ficou muito bem aqui. Agora vamos continuar o nosso roteiro de visita.

Abrindo uma porta próxima, entraram em um grande corredor que nem dava para ver onde acabava. Era um corredor com centenas de portas. Aproximam-se da primeira delas; então, o senhor Benati começou a orientar o filho, que naquele momento também passou a ser seu aluno.

— Aqui, Gu, é a ala de queimados, onde trabalho. E como você já teve a oportunidade de saber, chegaram muitos pacientes hoje vitimados por um incêndio ocorrido na mata da região serrana de São Paulo. Então, não se impressione com a quantidade de pacientes que temos hoje. Nem sempre são tantos assim.

Entraram na sala e depararam-se com uma espécie de bancada com vários níveis. Em cada nível haviam muitas celas, ou câmaras de recuperação. As celas eram forradas de um material macio, praticamente líquido e que continha somente um animal em cada uma delas. Era uma visão futurista. Lembrava cenas de filmes de ficção científica.

As câmaras cilíndricas tinham o tamanho exato para conter o animal que se mantinha deitado no fundo. Ali o paciente era acomodado de modo que se amoldava perfeitamente em uma espécie de colchonete vaporoso que adquiria o formato do animal em baixo-relevo e praticamente o recobria.

Sobre eles, além da substância vaporosa, um líquido preenchia o espaço, mantendo-se em movimento no interior da cela em forma de tubo transparente. As celas eram dispostas por tamanho e os animais eram mantidos em estado de suspensão, isto é, estavam inconscientes, como se estivessem sedados, sob ação magnética exercida por um dispositivo ali instalado. O que chamou a atenção de Guilherme foi o fato de nenhum dos animais resgatados do incêndio apresentar sinais de queimadura pelo corpo.

— Pai, por que não há lesões extensas nestes animais resgatados do fogo?

— É muito simples, filho. Em cada célula desta que você vê, há um dispositivo que, além de induzir o sono, tem outras funções terapêuticas. Veja como em cada uma das cabinas há uma iluminação com mudança constante de frequência de cores. Estas luzes têm várias finalidades. Uma delas é fazer uma espécie de escaneamento em cada paciente,

informando, de tempos em tempos, seu estado de saúde e de recuperação, transmitindo os dados a uma rede central de informações, que analisa e automaticamente personaliza o tratamento. Outra finalidade importante é a produção de uma frequência de ondas mentais que faz com que sejam apagadas de suas memórias as cenas de sofrimento, sem retirar; no entanto as sensações, que servirão de alerta em caso de o animal enfrentar outro incêndio, este é o aprendizado. Com isso tudo, as lesões desaparecem em questão de segundos a minutos, e à medida que os animais se desprendem das lembranças do ocorrido.

Guilherme então se lembra de uma informação que recebeu anteriormente a respeito de um mecanismo de defesa que impede que o animal sofra desnecessariamente, retirando-o de seu corpo físico no momento da morte, e perguntou:

— Pai, o senhor Kayamã falou-me de um mecanismo que evita o sofrimento dos animais no momento em que deixam o corpo, por ocasião de sua morte. Por este mecanismo os animais são retirados rapidamente do corpo físico antes que tenham tempo de sentirem no corpo espiritual o surgimento das lesões. Estou certo?

— Em parte, filho — respondeu o senhor Benati, também entendido neste assunto. Veja como a maioria com lesões são animais maiores. Veja como os menores praticamente nada têm a ser tratado, além da inversão de memória, O mecanismo a que você se refere arremessa-os tão rapidamente para nossa dimensão, que não há contato com o que causou a destruição do corpo físico, desligando totalmente um do outro. Além disso, quando se lançam em nossa dimensão já estão inconscientes. Deste modo nada sofrem. Este mecanismo é muito efetivo quando se trata de animais pertencentes a um ‘corpo coletivo’ de grandes proporções, como ocorre, por exemplo, com os insetos, com peixes,

algumas aves, pequenos roedores, répteis, e outros cuja individualidade não é bem caracterizada. Quando se trata de animais de ‘corpos coletivos’, de menores proporções, significa que possuem um nível maior de consciência. Com isso a dor e o sofrimento têm um peso maior em seu aprendizado evolutivo. Assim, nestes casos, os mecanismos de desligamento são um tanto mais lentos, demorando-se em separarem-se do corpo físico, podendo ser atingidos também em seus corpos espirituais.

Enquanto os pequenos se libertam em um estalar de dedos, os maiores e com mais consciência de si podem demorar alguns segundos ou minutos antes que isso ocorra.

— Ah! Certo. Entendi. Mas e os insetos? Por que não há insetos por aqui?

— Os insetos, por serem muito numerosos, ficam em uma ala em separado onde são tratados em conjunto para serem levados rapidamente de retorno ao mundo físico. Os insetos chegam e retornam tão rapidamente que não chegam quase a permanecer por aqui. Eles chegam e partem quase imediatamente.

Guilherme observa uma estrutura flexível no interior das celas e pergunta curioso:

— Para que servem aqueles ‘tubinhos’ que estão em todas as celas? — perguntou Guilherme, apontando para aquela estrutura longa, fina e transparente que ligava o animal ao topo da cela.

— São líquidos nutritivos. Eles necessitam ser alimentados, pois mesmo inconscientes, seus instintos solicitam nutrição ao corpo, não importando se estão ou não encarnados.

Guilherme repara que não havia somente animais selvagens na ala, indicando que havia animais domésticos também e perguntou o porquê a seu pai.

— Aqui nesta sala não ficam somente animais selvagens. Há também os domésticos que desencarnaram em função de queimaduras. Por isso a disposição das celas obedece a um critério que leva em consideração a espécie e a origem dos animais. Os domésticos em sua maioria localizam-se em uma área específica no final do corredor. Eles recebem um tratamento diferenciado, pois alguns requerem um tratamento quase individual. Digo ‘quase’ pois ainda não são totalmente individualizados, por pertencerem a um pequeno ‘corpo coletivo’,

apesar de já possuírem uma certa consciência e uma relativa individualidade marcantes. Por isso, podemos notar nos cães, por exemplo, certas características de personalidade que distinguem uma raça da outra no tocante ao comportamento. Há cães que se comportam de forma característica dentro de uma mesma raça, que diferem de outra raça. Por exemplo, há raças que são preponderantemente agressivas, enquanto outras são extremamente dóceis. E estamos nos referindo às raças e não aos indivíduos. Neste caso o ‘corpo coletivo’ é representado pela raça.

— O Bons é um cão sem raça definida apesar de lembrar um pouco a raça Cocker. Ele é muito especial, pois é muito inteligente e esperto. Como se caracteriza o seu ‘corpo coletivo’?

— Ele pertence ao dos animais domésticos também, mas o Bons é muito inteligente e esperto porque está se individualizando. Estas características individuais pertencem a ele e não ao ‘corpo coletivo’

— Quando este ‘corpo coletivo’ deixa de existir?

— O conceito de ‘corpo coletivo’ existe até mesmo entre os humanos, em pequena escala, mas ainda está presente.

— Poderíamos ir aos animais domésticos? Estou curioso.

— Sim, vamos. É logo ali — falou, apontando para o fim do corredor.

Caminharam ao longo daquele corredor repleto de celas tubulares ocupadas por animais de todas as espécies e de todos os tamanhos, até chegarem onde estavam os animais domésticos.

Andaram e observaram vários deles, comparando-os aos selvagens.

— Notou como as lesões são mais extensas no corpo espiritual? — perguntou o pai. Por terem maior consciência de si mesmos e do ambiente a que pertencem, transferem os reflexos do trauma, da dor e do sofrimento ao corpo espiritual. O modo como são tratados os pacientes animais domésticos quase se assemelha ao modo como são tratados os seres humanos em colônias de recuperação especializadas. Recebem, como eu já disse, praticamente atenções individualizadas no tocante ao tratamento das lesões, pois sua recuperação é mais lenta do que os não domésticos.

— Como assim?

— Os domésticos já possuem uma inteligência e percepção mais aguçadas, além de possuírem sentimentos e emoções bastante desenvolvidos se comparados com os não domésticos, os selvagens, que possuem apenas esboços disto. Por isso os domésticos causam maiores impressões no corpo espiritual, e a inversão de memória também se processa com mais dificuldade por interferência do trauma emocional sofrido.

— Como é isso de inversão de memória?

— Assim como ocorre em seres humanos, as lesões no corpo espiritual se formaram mais em consequência do trauma emocional do que do trauma físico, pois, como eu já disse, estes são animais que estão adquirindo sentimentos e emoções semelhantes aos de pessoas. Desta forma, no caso dos queimados, a dor e a angústia criadas durante o processo que desencadeou a destruição do corpo físico criam um estado emocional que fica estampado em seu mental. Estes sentimentos e emoções fortes mantêm as lesões no corpo espiritual, pois se mantêm reverberantes em suas memórias, dificultando sua recuperação. Então, através de um aparelho instalado no teto de cada cela cilíndrica, cada molécula que circula na região cerebral relacionada à memória dos animais é despolarizada parcialmente. Com a despolarização, os elétrons que circulam em um determinado sentido passam a circular em sentido oposto. Esta inversão dos spins da memória é apagada temporariamente. A seguir é novamente repolarizada com imagens positivas e agradáveis, de momentos felizes. As lesões desaparecem por completo e não retornam. No entanto nem toda a memória é apagada, pois se assim fosse teria perdido seu aprendizado. Somente são apagados os momentos mais dramáticos que desencadeiam as lesões. Esta técnica é amplamente utilizada nas colônias de humanos. Se interessar, podemos posteriormente voltar ao assunto.

Benati fez uma pausa para dar passagem a um visitante encarnado que andava pelo corredor onde estavam. Então, aproveitou para comentar o assunto. Enquanto se recuperam, os domésticos recebem visitas dos amigos humanos. É permitido que lhes transmitam suas energias de amizade e isso favorece sua rápida recuperação. Os amigos são, em geral, encarnados, mas há muitos desencarnados. Observe aquele senhor. Veja: quando a visita quer dar sua

energia, toca em uma estrutura metálica porosa localizada no exterior da célula. Esta estrutura absorve a energia que se destina à recuperação do amigo. No entanto a qualidade desta energia é variável e em alguns casos pode até prejudicar o paciente. Quando isso acontece a energia captada é classificada, filtrada e somente depois é enviada ao enfermo, que assim não corre riscos de se intoxicar.

Guilherme observa e nota que existem algumas luzes do lado de fora do cilindro, que acendem e apagam. Curioso, pergunta:

— O que indicam aquelas luzes?

— Se você observar, perceberá que quando elas acendem, a temperatura se eleva no interior da célula. Veja o termômetro na lateral da célula. Estas luzes e este aquecimento são resultado das preces e orações enviadas aos animais ou de orações feitas a São Francisco de Assis.

— São Francisco?! Eu não entendi a relação entre as luzes e São Francisco de Assis!

— Este santo é considerado protetor dos animais. Não que, pessoalmente, ele esteja tratando o animal a pedido de seu dono, mas a energia da prece se converte em energia terapêutica. Quando alguém faz uma oração dirigida a São Francisco de Assis, a energia mental é enviada ao Universo e se soma a outras energias idênticas. A seguir ela é distribuída a cada animal do Universo, independentemente de quaisquer condições ou estado evolutivo, pois a maioria das pessoas quando se lembra deste santo católico, o relaciona, quase que automaticamente, aos animais, por isso acabam enviando estas energias inconscientemente a eles também.

Guilherme olhava admirado para seu pai, pois não supunha que tivesse tantos conhecimentos. Ao término de sua explanação,

Guilherme dá um grande sorriso. Benati perguntou:

— Satisfeito, filho?

— Sim, claro. Foi ótima a sua explicação. Eu não fazia idéia de que o senhor entendia tanto assim destes assuntos.

Benati ainda trazia resquícios de culpas que adquiriu, durante suas vidas anteriores, por isso, quando foi elogiado, lembrou se dos tempos em que esteve

nas trevas de sua ignorância.

— Pois é, filho. Foi a necessidade que me trouxe para cá depois de amargar meses em locais trevosos de minha culpa, que me transformaram em indigente espiritual.

Fiquei um farrapo humano até ser resgatado do pântano de energias densas criadas por mim mesmo. Fui resgatado e levado ao hospital — a um educandário onde recuperei a razão — e após me recuperar, pedi para ser enviado para cá a fim de redimir minhas faltas contra os animais. Você se lembra? Eu gostava de atirar em pássaros por diversão. Isso também pesou em minha recuperação. Agora estou terminando o curso de enfermagem com especialização em queimados. Logo estarei dando aulas e orientando estagiários. Você está sendo minha primeira experiência como orientador.

— Puxa vida! Eu posso afirmar com todas as letras que foi uma ótima aula. Estou agradavelmente surpreso e não somente por sua aparência que está muito boa, mas também pelo seu desempenho. Achei que o senhor já era veterano em aulas. Meus parabéns...

Antes que Guilherme terminasse a frase, surgem Gustavo e João Rubens.

— Tudo bem senhores? — cumprimentaram os dois quase em coro.

— Como foi a visita à ala de queimados? — perguntou Gustavo com a mão direita sobre o ombro do veterinário.

— Foi perfeito! Meu pai entende mesmo do assunto, hein!

— Concordo com você, Guilherme, por isso ele a partir de agora se torna oficialmente um dos professores desta ala.

— O senhor Benati foi aprovado com louvor — falou João Rubens.

Os três o abraçaram, parabenizando-o e se despedem.

Gustavo chamando Guilherme, foram à ala seguinte.

— Esta é a ala de moléstias infecciosas. Para entrarmos nela precisamos antes passar por uma descontaminação. Em seguida receberemos um equipamento de proteção contra os eventuais agentes infecciosos com que entraremos em contato. Sem estas providências, poderiam ocorrer problemas sérios de saúde a você, que ainda é um encarnado, pois se algum germe se instalar em seu corpo espiritual, causará enfermidade também ao seu corpo

físico. O equipamento protegerá inclusive o seu cordão prateado.

— Nesta ala quem o acompanhará será a Dra. Ana — falou Gustavo, enquanto João Rubens somente observava.

Uma luz verde sobre a porta se torna intermitente e um vapor se desprende dela. O vapor era resquício da substância descontaminante utilizada na ante-sala. Quando a porta se abriu, surgiu a senhora Ana, usando um uniforme branco.

Ana era uma senhora que aparentava quarenta e poucos anos, cabelos castanhos claros e lisos, nariz alongado e rosto suave.

Cumprimentou cordialmente os três e os convidou a entrar. Antes que Guilherme pudesse concordar, novamente é surpreendido por aquele fenômeno que o afasta de seus compromissos.

O RESGATE

Desta vez não estava sendo acordado por sua mãe, mas sendo chamado em outra localidade, ainda no plano espiritual, por sua noiva Cláudia. Como se fosse uma mera ilusão, Guilherme desmaterializa-se e surge junto de sua noiva.

A jovem trabalhava durante o dia em um hospital como nutricionista, mas, à noite, durante seu período de sono físico, ela se desdobra em tarefas de auxílio. Guilherme algumas vezes a acompanhou, mas desta vez Cláudia precisava auxiliar no resgate de pessoas que estavam envolvidas em um acidente. Um avião caiu e havia muitos que acabavam de desencarnar e necessitavam de orientação. Cláudia e Guilherme, durante a noite, em seu sono físico, se dispuseram a ajudar as equipes do Hospital Espiritual Amor e Caridade.

No hospital do astral são atendidas pessoas enfermas não somente desencarnadas, mas também encarnadas desdobradas. Neste caso ocorreu um acidente aéreo de grandes proporções próximo a uma região do Oriente onde tem havido muitos confrontos bélicos. O avião de passageiros entrou num espaço aéreo proibido a vôos domésticos.

Foi confundido com um avião inimigo, sendo derrubado. Cláudia já fazia parte da equipe de resgate e tinha mais experiência, mas Guilherme era novato e acabava de ingressar nesta equipe. Ela o chamou até sua tenda improvisada e mostrou-lhe as fichas dos passageiros, que ainda se encontravam entre os destroços. Era um avião de grande porte, em que morreram duzentas pessoas.

— À medida que fomos retirando as pessoas, os encaminharemos a tenda da Cida — e apontou em direção a uma das tendas.

— Cida?! Minha tia Cida?

— Ela mesma. Ela também auxilia nossa equipe. É assistente Social de dia e de noite — brincou Cláudia.

— Tudo bem, eu os enviarei até ela e deixarei que assumam dali em diante.

Buscando entre os escombros, descobriam as pessoas que estavam com feridas extensas, queimaduras profundas e fraturas expostas. Em torno de

noventa pessoas já tinham sido resgatadas, restavam cento e dez a serem recuperadas. A equipe de resgate era composta por doze pessoas, incluindo Guilherme, Cláudia e Cida.

A maioria das pessoas resgatadas não tinha idéia do que aconteceu e nem ao menos sabia que tinha desencarnado. Guilherme, à medida que encontrava algumas pessoas, ajudava-as a se deitarem nas macas e as levava à tenda de Cida para serem medicadas e orientadas, para depois serem encaminhadas ao hospital.

Guilherme e Cláudia já tinham resgatado cerca de dezesseis pessoas, quando surge o senhor João Rubens com dois cães.

— Alô! Eu trouxe ajuda. Eles são nossos melhores farejadores. São ótimos neste trabalho de encontrar pessoas sob os escombros. Rubens pediu a eles que buscassem as pessoas, então começaram a mostrar onde elas estavam. Muitos, em estado de choque, sem emitir qualquer som e sem esboçar reações, pareciam estar em uma espécie de transe. Obedeciam às orientações mecanicamente. Com a ajuda dos cães o trabalho transcorreu rapidamente e em pouco tempo todos tinham sido encaminhados às tendas de atendimento.

Em cada tenda havia equipamentos energéticos de primeiros socorros e tratamentos de emergência. Os mais conscientes eram orientados ali mesmo antes de serem enviados ao hospital. Eram informados de que ocorrera um acidente com seu avião, mas todos estavam sendo tratados. Muitos faziam o sinal da cruz, dando graças a Deus por conseguirem sobreviver a tamanho desastre. Eles eram tratados como se estivessem ainda encarnados, recebendo medicação oral e injetável.

Recebiam tratamento para aliviar a dor, curativos e bandagens para proteger as feridas e até pequenas cirurgias eram feitas. Em um certo momento surgiu a equipe de transporte que os levaria ao Hospital Astral Amor e Caridade'. Vieram cerca de três pessoas para cada acidentado. Entre os auxiliares havia parentes e amigos desencarnados e encarnados desdobrados, interessados em ajudar.

Diversas ambulâncias plasmadas eram usadas para transportar os enfermos. Na verdade, o transporte era feito através de portais em forma triangular ou piramidais que se abriam diretamente na ala de emergência do hospital, mas os assistidos acreditavam estar sendo transportados da forma convencional. Após

todos terem sido levados, o senhor João Rubens retornou ao rancho com seus cães, enquanto Cláudia, Guilherme, Cida e os demais seguiram rumo ao hospital para continuarem o trabalho iniciado.

Ao chegarem lá, se dirigiram à ala cirúrgica. Recebiam tratamento de higienização e trajes apropriados. Entraram em uma sala onde receberam um jato de substância adocicada e perfumada como rosas. Suas roupas foram substituídas por túnicas brancas e receberam luvas finíssimas e transparentes. Na sala de cirurgia, muito ampla, havia cerca de mil pessoas entre médicos, auxiliares e pacientes. Dentre os assistidos havia também muitos envolvidos nos conflitos armados daquela região do Oriente.

Cláudia e Guilherme e mais dezenas de pessoas aguardavam em um canto da sala à espera de serem chamados para auxiliar. Guilherme sentado ao lado de Cláudia pergunta sussurrando:

— Se há tantos médicos e auxiliares somente nesta sala, então quantos será que trabalham neste hospital?

— São milhares — responde Cláudia — e são incontáveis salas como esta. Este hospital é maior do que muitas cidades que conhecemos.

— O que vamos fazer agora?

— Espere até alguém solicitar nossa ajuda, então você só precisa fazer o que pedirem. Não se preocupe, pois eles sabem que somos novatos: somos reconhecidos por este crachá com o marcador luminoso que muda de cor de acordo com a experiência que adquirimos. A sua cor é alaranjada, mostrando que você é inexperiente. A minha é lilás, mostrando que tenho alguma experiência. Veja aquele ali — apontou para uma pessoa que auxiliava — seu crachá é branco. Deve ser veterano — falou Cláudia, também sussurrando.

Enquanto falavam, alguém fez sinal a Guilherme solicitando ajuda.

— O que eu faço? — perguntou Guilherme inseguro.

— Vá até a mesa e não se afobe — recomendou a noiva.

Guilherme encaminhou-se titubeante à mesa onde era chamado.

— Seja bem-vindo aos trabalhos! Meu nome é Fábio e esta é Jéssica. Nós precisamos que você mentalize a consolidação desta fratura enquanto aplicamos esta substância sobre os ferimentos. Entendeu? — perguntou Fábio.

O jovem doutor dos animais, agora um simples auxiliar, fez que sim com a cabeça e começou a imaginar a fratura cicatrizando, enquanto o assistido recebia um banho de substância floculada rósea, semelhante a minúsculas pétalas que se desfaziam ao tocarem a pele do paciente. A medida que se desintegravam, os ferimentos iam se desfazendo e a fratura melhorando.

— Muito bom! O senhor trabalha bem. Foi muito útil a sua intervenção. Obrigado pela ajuda — agradeceu Fábio.

Enquanto isso, outra mesa solicitou ambos, Cláudia e Guilherme, e os médicos pediram que eles acionassem o scanner' enquanto terminavam de suturar a pele do paciente.

Guilherme curioso prestava atenção à forma de suturar que consistia em passar um pequeno aparelho sobre a ferida que se fechava facilmente. O 'scanner' era um aparelho portátil que, acionado, transferia diretamente à mente de quem o aciona os resultados da leitura energética. De posse dos resultados, deveriam transmiti-los aos médicos conforme fosse pedido. Neste caso, o assistido ainda apresentava uma perda de energia no interior do abdome e no alto da cabeça.

— Por favor, estanquem esta perda rapidamente pediu o médico.

Guilherme estremeceu de insegurança. Cláudia mais experiente pegou as mãos de Guilherme e as colocou sobre os pontos indicados pelo aparelho onde estavam ocorrendo as evasões descontroladas de energia e pediu que imaginasse que o local do fluxo estava sendo cauterizado. Imediatamente o scanner acusou a normalização circulatória.

O médico, notando a recuperação do paciente, agradeceu e os dispensou. Outra mesa os solicitou. A paciente estava tendo crises epileptiformes, apresentando contrações espasmódicas intensas quase incontroláveis. Pediram que aplicassem energias relaxantes sobre o córtex motor do cérebro a fim de aliviar as contrações. Ambos já sabiam o que fazer e apoiaram as mãos levemente sobre a testa do paciente. Conseguiram um relaxamento suficiente para que o médico procedesse ao ato cirúrgico no cérebro espiritual da assistida. Através de uma técnica específica conseguiu retirar alguma coisa com forma globosa.

— É um parasita Ovóide — disse o cirurgião.

Colocando-o em um recipiente que se fechava hermeticamente, enviaram a uma ala onde energizariam o parasita para que retomasse sua forma humana, perdida antes de ser usado como objeto de tortura, por espíritos que queriam prejudicar a paciente. Quando era encarnada sofria muito com dores de cabeça e fortes convulsões intermitentes.

Terminaram seu trabalho naquela mesa e foram para outras, e assim passaram toda a noite. Ao final da noite e início da manhã teriam auxiliado em cerca de duzentas cirurgias. Ao terminarem o trabalho, Guilherme notou que o seu crachá estava mudando de cor. Estava se tornando mais avermelhado e com leve tom azulado, enquanto que o de Cláudia estava francamente branco.

— Parabéns — disse Cláudia sorrindo — você já não é mais novato. Mais uma noitada desta e você se torna um auxiliar experiente, capaz de ajudar qualquer médico em qualquer tipo de intervenção cirúrgica.

— Parabéns a você também, pois seu crachá agora é branco. Você é veterana.

— Estamos quase para terminar nosso trabalho, mas temos alguns minutos ainda. Então vamos ajudar na limpeza da sala e levar os pacientes aos seus quartos. O que você acha? — perguntou Cláudia entusiasmada.

— Tudo bem. Vamos lá — respondeu Guilherme, igualmente entusiasmado em poder ajudar.

Restavam poucos pacientes para serem levados aos quartos e Guilherme perguntou:

— Onde são os quartos e como chego lá?

— Basta tocar nesta placa ao lado da maca e ler o número do quarto indicado, e automaticamente será transportado para lá. Quando estiver lá, diga “sala de cirurgia” e você será trazido de volta.

Guilherme aprendeu rápido e em pouco tempo já tinham levado todos aos seus quartos. De volta à sala de cirurgia, iriam iniciar a limpeza. A sala estava repleta de restos de tecidos fluídicos espalhados por toda parte.

— Como limparemos tudo isso?

— Não se preocupe. Essa sala é pequena. Nós a limparemos em um piscar

de olhos.

— Pequena?! — exclamou Guilherme, surpreso.

Sem dizer mais nada, Cláudia dirigiu-se a uma espécie de painel próximo onde várias placas luminosas piscavam. Guilherme pensou: “Deve ser um destes painéis de controle que aciona automaticamente algum dispositivo que limpará tudo isso em um instante”.

Cláudia aproximou-se do painel e tocou uma das placas e uma escotilha se abriu na parede ao lado deles onde se podia ver vassouras, esfregões e água.

— Você está brincando?! Vamos ter que limpar à maneira tradicional? — perguntou Guilherme, assustado com a idéia de esfregar todo aquele chão.

— Sim, vamos sim. Essa vassoura é a sua e esta é a minha. Aqui está o balde e ali um retalho de tecido para passar nas mesas.

Guilherme não podia acreditar no que se meteu e começou a torcer para sua mãe o acordar para ir para clínica. Ao tomarem as vassouras, mergulhando-as no recipiente com líquido, que na realidade não era água, iniciaram a esfregação do chão da sala cirúrgica. Guilherme, então, surpreendeu-se, pois ao tocar no chão com as vassouras, a sujeira começou a se desintegrar ao redor do ponto de contato com o piso, formando um halo que aumentava rapidamente até atingir em poucos segundos toda aquela área.

Nem foi preciso dar uma esfregada sequer no chão. Usando os retalhos de tecidos embebidos no mesmo líquido ao tocarem nas mesas, se autolimpavam. A seguir Cláudia aproximou-se do painel e tocou em outra placa e uma nuvem espalhou-se como vento por todos os cantos da sala deixando pequenos cristais espalhados por todos os lugares.

Outro toque, em outra placa, e um foco de luz se abriu próximo à entrada da sala, que ao ser ativada emitiu uma forte onda de luz, como a do sol que refletindo nos cristais, produziam um lindo efeito luminoso, traduzindo se em inúmeras faixas coloridas com todas as matizes de cores imagináveis. Quando as luzes se apagaram, Cláudia disse:

— Pronto, terminamos! A sala está limpa e esterilizada.

— Você me enganou, hein! — exclamou Guilherme.

— É só uma brincadeira que nós fazemos com os novatos. Também me

pregaram essa peça, mas não achei que teria tanto trabalho a fazer quanto você achou, e eu estava tão entusiasmada que a brincadeira acabou perdendo um pouco a graça, mas mesmo assim rimos muito quando me surpreendi com a rápida limpeza.

Ao saírem da sala tiveram que passar novamente pela ante-sala para receberem de volta as vestimentas anteriores e uma nova aspersão do vapor esterilizante.

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt